AUTARQUIA EDUCACIONAL DO BELO JARDIM – AEB
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E APLICADAS DO BELO JARDIM – FABEJA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

BRUNO DIEGO SILVA CAVALCANTI
CINTIA PEREIRA RODRIGUES

UM OLHAR SOBRE A HISTORICIDADE DO POETA ZETO: DO AGRESTE AO SERTÃO

BELO JARDIM – PE
2015

BRUNO DIEGO SILVA CAVALCANTI
CINTIA PEREIRA RODRIGUES

UM OLHAR SOBRE A HISTORICIDADE DO POETA ZETO: DO AGRESTE AO SERTÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Aplicadas do Belo Jardim – FABEJA, como requisito básico para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Esp. Edson Leandro de Almeida

BELO JARDIM – PE
2015

BRUNO DIEGO SILVA CAVALCANTI
CINTIA PEREIRA RODRIGUES

UM OLHAR SOBRE A HISTORICIDADE DO POETA ZETO: DO AGRESTE AO SERTÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Aplicadas do Belo Jardim – FABEJA, como requisito básico para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Esp. Edson Leandro de Almeida

Aprovada em _____/_____/_____.

BANCA EXAMINADORA

_____
Profº. Orientador: Esp. Edson Leandro de Almeida

_____
Profª. Examinadora: Esp. Maria Aparecida Vidal Santos

_____
Profª. Examinadora: Esp. Maria das Mercês Costa

BELO JARDIM – PE
2015

A tarefa é não ter nenhum caminho
Pra encontrar o caminho do não ter
Ser irmão do bonito amanhecer
Ser agulha seguindo o seu alinho
Encontrar multidões quando sozinho
Colocar tom menor no violão
Ser maior entoando uma canção
Perceber quanto tempo falta ainda
Colocar no cabelo a fita linda
Como fosse uma estrofe de Canção

Zeto

AGRADECIMENTOS

Em especial a Deus por ter nos concedido sabedoria e perseverança para conseguir realizar mais um sonho, pois, em meio a tantas dificuldades do cotidiano sempre esteve a nos amparar, proteger e apoiar.

A nossa família pelo carinho, paciência e estímulo indispensável para realização deste trabalho.

Aos que fazem a FABEJA por terem nos oportunizado este curso.

Agradecemos ao nosso orientador, professor Edson Leandro de Almeida, pela orientação, dedicação, paciência e, principalmente, pela amizade durante todo o processo desta pesquisa. Saiba que esse trabalho em grande parte também é mérito seu.

A família do nosso biografado, como também, todos os envolvidos no desenvolvimento desse trabalho.

RESUMO

A História como ciência humana revela o desenvolvimento do homem no tempo, analisando os processos históricos, personagens e fatos para poder compreender um determinado período histórico, pessoa e até mesmo obras culturais. Esta pesquisa biográfica analisou através de jornais e relatos orais a trajetória de José Antônio do Nascimento Filho, pseudônimo Zeto. A escolha de Zeto como nosso objeto de estudo surgiu pela constatação da necessidade de se conhecer mais sobre sua vida, ainda tão pouco explorada em trabalhos acadêmicos. Mesmo sendo uma figura não muito estudada, ele é considerado de grande relevância para a cultura egipciense, como também, pernambucana. Uma vez que o mesmo participou de um momento marcante nas eleições de 1986 para governo do estado. Zeto foi um artista que simplesmente amou a arte, sendo poeta, músico, compositor, ator, pintor e escultor, além de pai e um grande amigo. Onde em todas essas funções ele representou muito bem, uma vez que sua obra deu uma grande contribuição para a cultura egipciense e pernambucana.

Palavras-chaves: História – homem – cultura – arte.

ABSTRACT

History as human science reveals the development of man in time, analyzing the historical processes, people and facts in order to understand a particular historical period, people and even cultural works. This biographical research analyzed through newspapers and oral reports the trajectory of José Antonio do Nascimento Filho, Zeto pseudonym. The choice of Zeto as our object of study came up the realization of the need to know more about his life yet so little explored in academic papers. Although a figure not much studied, it is considered of great importance for egipciense culture, but also, Pernambuco. Since the same part of a defining moment in the 1986 elections for state government. Zeto was an artist who simply loved the art, musician poet and composer, actor, painter and sculptor, and father and a great friend. Where in all these roles he played very well, since his work made a major contribution to the egipciense and culture of Pernambuco.

Keywords: History - man - culture - art.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 Zeto, o poeta de Arraes 49
Fig. 2 Zeto, o poeta de Arraes 60
Fig. 3 Certidão de nascimento de Zeto 61
Fig. 4 Lembrança de batismo de Zeto 62
Fig. 5 Cédula do RG de Zeto 63
Fig. 6 Fotografia com a Srª Cícera Balbina da Silva 64
Fig.7 Fotografia com a Srª Greisse Maria do Nascimento 65
Fig. 8 Fotografia com a família de Zeto 66
Fig. 8 Fotografia da Casa do Poeta Zeto 67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 09

CAPÍTULO. 1 11
1.1 Escola dos Annales 11
1.2 Fundação dos Annales 12
1.3 História Cultural 13
1.4 História Oral 15
1.5 Biografia 18

CAPÍTULO 2. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA 20
2.1 Aspectos Históricos 20
2.2 Aspectos Geográficos 20
2.3 Fim da década de 1950 e início da década 1960 21
2.4 Cultura 22
2.5 Metodologia 24
2.5.1 Tipo de pesquisa 24

CAPÍTULO 3. TRAJETÓRIA DE VIDA DO POETA ZETO 28
3.1. Infância e Adolescência 28
3.2 Carreira Artística 31
3.3 Relação de Zeto com os Filhos 39
3.4 Obras de Zeto 42
3.5 O Poeta de Arraes 45
3.6 Morte de José Antônio do Nascimento Filho 50

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 57
ANEXOS 62
APÊNDICES 66

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema “Um olhar sobre a historicidade do poeta Zeto: do Agreste ao Sertão” e decorre do cumprimento de um requisito para obtenção do Curso de Licenciatura plena em História, na Faculdade de Ciências Humanas e Aplicadas do Belo Jardim. O trabalho tem como intuito fazer uma análise sobre a vida do poeta José Antônio do Nascimento Filho, de pseudônimo Zeto, reverberando sua historicidade enquanto homem e poeta, pincelando um pouco da sua infância até o dia da sua finitude. O enfoque dado a essa pesquisa é analisar os aspectos sociais e culturais da época.

A pesquisa tem como objetivo analisar e documentar a história de vida do poeta José Antônio do Nascimento Filho e suas contribuições para a cultura das regiões onde viveu, analisando o contexto cultural do município de Canhotinho, como também a sua trajetória de vida através da coleta de dados de familiares e amigos com o auxílio de entrevistas.

O trabalho biográfico na atualidade deixa de lado o modelo de exaltação aos grandes feitos de personalidades da história, e começa a trabalhar de uma forma diferente, inserindo o biografado em seu contexto, analisando com cuidado sua representatividade mesmo ele possuindo sua singularidade.

A biografia de José Antônio do Nascimento Filho, Zeto, aborda em seu contexto uma vida dedicada à poesia, porém esse assunto abordaremos nos próximos capítulos de forma mais ampla e detalhada. Busca esclarecer como era o cotidiano de Zeto, com os amigos e familiares, destacando também a importância dele nos grupos sociais que ele pertenceu.

A curiosidade em relatar a vida de José Antônio do Nascimento Filho, surgiu desde a infância. Pois além de ouvirmos falar de Zeto, o centro da cidade é agraciado com uma casa na qual o mesmo nasceu, que leva o nome “Casa do Poeta Zeto” e com versos nas paredes, todos escritos por filhos de Canhotinho dá a cidade um aspecto cultural e poético.

Esse trabalho é de suma importância para a história e cultura não só da cidade de Canhotinho, mas, para todo Estado, haja vista, na cidade em que o poeta nasceu não têm detalhes suficientes sobre sua vida, nem mesmo livros e publicações. Portanto, para cunho científico esse trabalho tem grande valor, pois

poderá auxiliar outros estudantes, pesquisadores ou até interessados pela obra para ampliar seus conhecimentos sobre o mesmo.

Uma terra que não valoriza e nem rega sua cultura, está condenada ao marasmo, à falta de crescimento, ao descaso político e social. Um povo que desconhece o poder da sua cultura é um povo passivo e conformado em ser dominado. Canhotinho possui está característica, mas como toda terra rica em arte e cultura resiste e sempre alguém de alguma forma resgata os verdadeiros valores e mesmo aos tombos, Canhotinho caminha.

Como a cultura existe, mesmo que não a notem em todos os lugares do planeta, podemos concluir que Canhotinho possui grandes valores culturais, mas que não são respeitados, nem valorizados, mas estão vivos, pois a cultura de um povo nada mais é que os próprios passos da sua existência.

Dessa forma, a pesquisa está dividida em três partes:

O primeiro capítulo apresenta as ideias de autores que discutem o novo conceito de história através da Escola dos Annales. Também é discutido a Nova História Cultural, a História Oral e o uso de Biografias na atualidade.

No segundo capítulo, fazemos uma breve análise sobre a origem de Canhotinho, lugar onde José Antônio do Nascimento Filho nasceu. Enfatizando o final da década de 1950 e início da década de 1960.

Já no terceiro e último capítulo, detalharemos a vida e a carreira artística de José Antônio do Nascimento Filho, como músico, poeta e compositor, vivido em novo contexto social.

As metodologias utilizadas no desenvolvimento dessa pesquisa foram: os depoimentos orais, documentos oficiais, matérias de sites, obras de Zeto, livros, manchetes de jornais, artigos, biografias e vídeos no youtube.

CAPÍTULO 1

1.1 Escolas dos Annales

A Escola dos Annales foi um movimento de reorganização da historiografia iniciado na França, durante a década de XX, e tinha a principal finalidade promover uma nova escrita para a história, que viesse privilegiar as camadas populares. Como afirma José Adilson Filho:

> Passado um longo tempo, desde que Heródoto e Tucídides inventaram a História enquanto conhecimento das ações humanas. Vimos que, a partir dos séculos XIX e XX, a História conquistou status de saber relativamente importante no concerto das nações. De todas as áreas do conhecimento, a História foi a que mais relutou em adptar-se às transformações do seu tempo, mas quando isso aconteceu, abriram-se novos horizontes levando-nos a "ver além de", isto é, proporcionando uma janela, através do tempo e espaço, que permitia recuperar e dar novo significado a sujeitos, imagens e documentos outrora marginalizados pela insensibilidade epistemológica de uma racionalidade utilitária e instrumental surgida com o alvorecer da modernidade a partir de meados do século XVII (FILHO, 2001, p. 98).

Seus fundadores Marc Bloch e Lucien Febvre surgem como inovadores da historiografia que tentam destruir uma imagem em que a história priorizava os grandes acontecimentos promovidos pela elite. De acordo, com Peter Burke (1991, p8):

> Talvez resida nessa intenção de diversificar o fazer historiográfico a maior contribuição de Bloch e Febvre quando, além de produzirem uma obra pessoal significativa, fundaram a revista *Annales*, com o explícito objetivo de fazer dela um instrumento de enriquecimento da história, por sua aproximação com as ciências vizinhas e pelo incentivo à inovação temática.

O novo conceito historiográfico foi muito impactante e renovador, impondo a história questionamentos sobre a historiografia tradicional, mostrando novos e ricos elementos para o conhecimento da sociedade.

A nova historiografia exibida por Marc Bloch e Lucien Febvre propunha uma história-problema, onde cada sujeito é dono do seu próprio pensamento. A partir daí,

dar-se início a um novo olhar sobre a história da sociedade, uma história vista de baixo. Segundo José Adilson Filho (2001, p.102), “com os Annales ampliou-se o conceito de fontes, temas e sujeitos; seu olhar descortinou zonas escuras, silêncios e áreas antes proibidas”.

1.2 Fundação dos Annales

Durante o fim da Primeira Guerra Mundial, surge o primeiro projeto dos Annales, este criado por Henri Berr, um grande empreendedor e intelectual da época, mas perante as dificuldades do século XIX o projeto não deu seguimento. Em 1929, Bloch tomou a iniciativa de restabelecer os planos da revista, desta vez com sucesso.

> Os Annales começou como uma revista de seita herética, depois da guerra se tornou oficial. Aos poucos se converteu no centro de uma escola histórica que foi transmitida para as escolas e universidades (OLIVEIRA, 1997, p. 269).

Em 1929, surgiu a revista intitulada Annales d’Histoire Économique et Sociale (Anais de História Econômica e Social) que se opôs diretamente à produção historiográfica predominante no século XIX (SILVA et, al. 2011).

A segunda geração dos Annales foi dirigida por Fernand Braudel, sucessor de Febvre, como diretor efetivo da revista. Para Braudel, a contribuição especial do historiador as ciências sociais é a consciência de que todas as “estruturas” estão sujeitas a mudanças, mesmo que lentas (OLIVEIRA, 1997, p. 269).

Fernand Braudel foi muito influenciado pelas ideias de Marx, dando grande ênfase à história econômica. A história das mentalidades acabou sendo ignorada. Para Braudel, esse tipo de história não era interessante e seu pensamento era reforçado, por um grupo de historiadores da época que, assim como ele, acreditavam que a história social e econômica era bem mais importante.

A terceira geração dos Annales foi liderada por Jacques Le Goff, que ocupou o lugar de Braudel, ele trouxe uma ideologia de fragmentação ou policentrismo, conceito que visa localizar o centro do pensamento histórico em vários locais. De acordo com Burke, “a terceira geração dos Annales foi marcada por mudanças

intelectuais. O policentrismo permitiu abertura para ideias vindas do exterior e a inclusão de novas temáticas". (OLIVEIRA, 1997, p. 269)

Os Annales durante essa fase resgatou o valor da narrativa e do estudo biográfico, ela efetuou grande influência a respeito da historiografia e sobre o público leitor, abordando o que chamamos hoje de Nova História ou História Cultural.

1.3 História Cultural

A História Cultural surgiu com o pretexto de enfraquecimento dos paradigmas de explicação globalizantes. O movimento social se tornou cada vez mais complexo isso ocorreu porque os modelos de correntes de análises predominantes não tinham mais o domínio de explicar a complexidade instaurada no mundo pós-Segunda Guerra Mundial. A crítica ao marxismo e as correntes dos Annales resultou em uma renovação na historiografia, surgindo assim a História Cultural ou Nova História Cultural (SOUZA, 2005, p.1).

A chamada História Cultural é uma das práticas historiográficas mais comuns e difundidas nos dias de hoje. De acordo com Sandra Pesavento (2005, p 181), "tudo que tem história, ou antes, laços simbólicos integrados num conjunto de códigos a que se chama de 'cultura', está passível a ser investigado pela História Cultural".

O trabalho biográfico se enquadra na História Cultural, pois esse novo conceito remete a uma sensibilidade onde o historiador vai estar mais atento às questões humanas e sociais que emergem das/nas histórias de vidas. Nesse sentido a vida de José Antônio do Nascimento Filho, Zeto, se mostra significativa no sentido de conhecer melhor a sociedade em que viveu a partir das relações simbólicas nas quais o mesmo estava inserido, como sujeito histórico. "Uma das características da História Cultural foi trazer à tona o indivíduo, como sujeito da História, recompondo histórias de vida, particularmente daqueles egressos das camadas populares" (PESAVENTO, 2005, p. 186).

A História Cultural possibilitou mudanças na postura do historiador, ela veio propor um novo método de trabalhar a cultura, a partir dos conceitos de representação, imaginário, narrativa, ficção e sensibilidades (PESAVENTO, 2005, p. 182).

O historiador não trabalhará mais com a finalidade de explicar os feitos heroicos de uma determinada época ou de um determinado sujeito ou grupo social. Ele irá agora investigar a cultura sob o novo olhar ou uma nova expectativa. A cultura agora deve ser analisada como um conjunto de significados, construídos e compartilhados pelos homens e mulheres, para se ter uma explicação mais abrangente do mundo.

A cultura agora seria uma construção social que dá explicação à realidade de um grupo social historicamente habituado em um determinado local. Dessa forma, a cultura propiciou trazer a tradução da realidade, através de forma simbólicas, dando significado as palavras, as coisas e ações. O principal objeto de estudo que a Nova História Cultural analisa são as representações nos seus mais variados aspectos, sejam elas literárias, iconográficas, musicais, religiosas, etc. (SOUZA, 2005, p. 2)

Ao trabalhar com História Cultural, o historiador deve ser atento, ele não pode se equivocar, ao fazer uma análise e traduzir representações simbólicas de uma época com significados que não concerne com a época estudada. Como afirma PESAVENTO (2003, p. 86):

> As imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e do produtor, tendo como referente a realidade, tal como, no caso do discurso, o texto é mediador entre o mundo da leitura e o da escrita. Afinal, palavras e imagens são formas de representação do mundo que constituem o imaginário.

A literatura como fonte propôs à história uma nova visão para compreender o mundo. Possibilitou o resgate das sensibilidades das massas, buscando analisar as emoções e os sentimentos vividos por um determinado grupo social. É, também, através da representação das emoções que a história cultural tem um conceito de mundo.

Os estudiosos dos textos literários precisam dialogar sempre com o discurso histórico, realizando uma leitura de todo contexto onde as obras ficcionais são criadas, para que ele possa compreender a mensagem que o autor remete. Já o compromisso do historiador é com os fatos que ele interpreta tendo em vista a representação narrativa sobre o passado. Segundo Pesavento, “história e literatura são formas de dar a conhecer o mundo, mas só a História tem a pretensão de chegar ao real acontecido” (PESAVENTO, 2005, p. 183).

Nesse sentido a Nova História Cultural nasce como uma opção ampla no sentido para uma variedade de fontes, temas e objetos, conclui-se como uma história de pluralidade, como por exemplo, para os sentimentos e sensibilidades e, além disso, para as mais variadas abordagens, entre elas a cultura, a morte e o amor. A História Cultural “é a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como a utilização de uma multiplicidade de novas fontes” (PESAVENTO, 2005, p. 184).

Como consequência da visibilidade cada vez maior que a História Cultural veio conquistando observa-se uma mudança nas pesquisas do campo histórico. Atualmente, enquanto ocorre à diminuição das linhas de pesquisas da História Social e Econômica, no Brasil, aumenta o número de programas abertos, ou que já estavam em funcionamento, centrando-se na base da História Cultural. De acordo com algumas estimativas “cerca de 80% de tudo que está sendo produzidos nas universidades do país, estão concentradas na História Cultural” (PESAVENTO, 2005, p. 132).

1.4 História Oral

No bojo do surgimento de novas abordagens no campo da Nova História, a História Oral mostra-se um campo fecundo, mesmo com suas limitações.

A história oral surgiu na década de 50, teve crescimento significante na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, enraizando nesses países não apenas no meio acadêmico, mas principalmente no seio dos movimentos sociais (FERREIRA, 1998 p. 19-30).

“As primeiras experiências sistemáticas no campo da História Oral no Brasil datam de 1975, a partir de cursos oferecidos por especialistas norte-americanos e mexicanos patrocinados pela Fundação Ford” (FERREIRA, 1998 p. 01). Estas experiências iniciais foram desenvolvidas no Rio de Janeiro, na Fundação de Getúlio Vargas, eram dirigidos para professores e pesquisadores de História e Ciências Sociais vindos de diversas instituições. Tinham como principal objetivo divulgar o uso da metodologia, visando temas de interesse nesse local. “Pretendia-se também estabelecer canais regulares de intercâmbio entre esses pesquisadores através de uma associação de História Oral” (FERREIRA, 1998 p. 01).

Ultimamente, tem se destacado os debates sobre a historiografia da atualidade, e um crescente grupo de historiadores tem posto em questão a objetividade da capacidade de produção de conhecimentos na história, esses questionamentos trouxeram novas possibilidades as fontes de pesquisa, visto que as fontes escritas foram perdendo sua exclusividade como fonte oficial da escrita histórica.

Na Antiguidade eram comuns os testemunhos diretos na construção de discurso histórico, mas a prática foi condenada durante o século XIX, a partir do século XX esse tipo de fonte foi restaurada por historiadores que viam na oralidade uma grande contribuição no estudo do tempo presente. (DEL PRIORE, 2009, p. 7-8).

Os precursores da moderna História Oral analisaram através dessa fonte, novas temáticas. A oralidade tornou-se uma ferramenta de estudo que amparava e escutava os excluídos, pessoas que eram inseridas no contexto social, atores históricos que contribuíam com as transformações locais, como afirma Etienne François, “a história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos ‘dominados’, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.)” (FRANÇOIS, 2002, p. 4).

A fonte oral, portanto tornou-se uma dimensão viva, visto que o historiador necessita de múltiplos e variados documentos, não somente os escritos. Assim, entende-se a História Oral como uma metodologia de pesquisa que se baseia nas realizações de entrevistas gravadas com indivíduos que estão diretamente inseridos no meio social, podendo assim, depor sobre acontecimentos, conjunturas, modos de vida, e outros aspectos da História Contemporânea. Como destaca Jorge Eduardo Aceves Lozano (2002, p. 17):

> A história oral poderia distinguir-se como um procedimento destinado à constituição de novas fontes para pesquisa histórica, com base nos depoimentos orais colhidos sistematicamente em pesquisas especificas, sob métodos, problemas e pressupostos teóricos explícitos. Fazer historia oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos e não simplesmente fazer um relato ordenado dos “outros”.

A História Oral concentra-se diretamente na análise da memória humana, já que a memória é o lugar onde os indivíduos guardam suas lembranças, de fatos ocorridos em um tempo que eles testemunharam ou participaram ativamente, a

memória liga-se ao passado, e produz estímulos onde trará informações importantes da época analisada.

A memória está conectada diretamente na base da história, misturando-se com o documento, aos monumentos e com o discurso oral. Porém, só recentemente tornou-se objeto de reflexão da historiografia. Só a partir de 1970 que os historiadores da dita Nova História tiveram interesse em desenvolver trabalhos com a memória.

Quando se desenvolve um trabalho biográfico é necessário que se utilize o método oral, pois ele é de extrema importância nesse tipo de pesquisa. Através desse método trabalharemos a memória e as lembranças de indivíduos que vivenciaram diretamente com o objeto de estudo analisado. Ao optar pelo método oral é necessário que o entrevistador saiba que é necessário procurar indivíduos com uma idade avançada, pois o que vai ser analisado são justamente suas lembranças, é necessário que o entrevistador tenha sensibilidade e muito respeito por sua testemunha.

Nesse sentido, orienta Chantal de Tourtier-Bonazzi (2002, p. 234):

> Deve adaptar-se à psicologia da testemunha, respeita-la, estar disposto a tomar pacientemente a conversa, suscitar a recordação através de um questionamento discreto se a testemunha for pouco loquaz, orienta-la sem precipitação, não a impedindo de perde-se em digressões, caso ela seja em demasia, repetir em voz alta suas palavras se estas não forem claramente audíveis procurar não falar ao mesmo tempo que ela, não insistir quando evita uma recordação dolorosa, não se precipitar em perguntar de novo porque as recordações precisam as vezes de um tempo para vir a tona, repetir a mesma pergunta de diferentes maneiras para tentar vencer as resistência [...].

Porém é necessário ressaltar que o historiador que busca trabalhar com a fonte oral, precisa ter em mente que a memória não apresenta precisão, apesar de se mostrar atual, ela está ligada as crenças, ao imaginário. Nesse sentido é necessário que o historiador faça um confronto das entrevistas com outros tipos de documentação. Como afirma Chantal de Tourtier-Bonazzi (2002, p. 236):

> Nenhuma entrevista deve ser realizada sem uma preparação minuciosa: consulta a arquivos, a livros sobre o assunto, à vida do depoente, leitura de suas obras, se houver alguma, bem como referências sobre as principais etapas de sua biografia. Cada entrevista supõe a abertura de um dossiê de documentação. A partir

> dos elementos colhidos, elabora-se um roteiro de perguntas do qual o informante deve estar durante toda a entrevista.

O uso da História Oral possibilitou inúmeras fontes para a pesquisa dos historiadores, pois os relatos servem para compreender o contexto histórico da condição humana e social, tanto anterior, quanto a atual dos agentes envolvidos.

1.5 Biografia

O estudo do gênero biográfico tem atingido um importante lugar no cenário editorial brasileiro, comparando-se inclusive as vendas dos manuais de auto-ajuda e dos livros escritos por magos, anjos e esotéricos em geral. No ano de 1994, esse gênero tinha atingido 55% comparado ao ano de 1987. Um dos principais motivos por esse relevante aumento foi o fim da exaltação as classes dominantes, que antes eram relatados nos capítulos desses trabalhos como as únicas responsáveis pelos grandes fatos ocorrido na história agora as biografias se afastam desse modelo e consegue atingir uma marca de vendas significativas (SCHMIDT, 1997, p.01).

Enquanto que Silva (2004, p. 02), afirma que “na Grécia Antiga se manifestava a vontade de relatar e ler vidas e trajetórias singulares; essa vontade parece ter surgido junto com o próprio interesse pela História e sua forma de conhecimento”. E segundo Levillain (apud Silva, 2004), é no início dos anos de 1980 que os ensaios sobre o gênero biográfico florescem de fato na História, os dicionários consagram-lhe verbetes e organizam-se seminários sobre o tema.

É nesse também no ano de 1980 que o polêmico texto “Ilusão biográfica”, de Pierre Bordieu, surge como crítica da subjetividade de biografias na história. Segundo o mesmo, sendo “capazes exclusivamente de reconstruir a vida de forma artificial, mesmo 'absurda'.” (DEL PRIORE, 2009, p. 9).

Essa crítica propôs aos historiadores questionarem a biografia através de um novo ângulo, seria na verdade o surgimento de um novo gênero, que já não tinha nada a haver com uma história heroica e literária dos grandes homens. “A biografia, assim, não é mais a de um indivíduo isolado, mas, a história de uma época vista através de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos” (SILVA, 2004, p.06).

A biografia se depara com uma questão ainda mais complicada: de que forma reconstruir a trajetória de outro sujeito? Seria através de pistas de sua obra (caso

tenha produzido alguma), de relatos orais de terceiros, de entrevistas, da literatura, da sociedade que viveu do espaço e do tempo que o sujeito biografado pertenceu?

> O maior problema que os historiadores podem encontrar na empreitada biográfica, é imaginar que os sujeitos históricos obedecem a uma racionalidade limitada, seguindo uma tradição biográfica estabelecida na disciplina história, satisfazendo-se como os "modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas" (LEVI apud PIOVESAN, 2007, p. 4-5).

Como descrito anteriormente um dos maiores problemas da Biografia liga-se diretamente a forma de escrita, pois o trabalho era desenvolvido exclusivamente, para relatar os grandes feitos de uma vida, de forma ordenada e sem alterações. Como afirma Pierre Bourdieu:

> Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como um relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar (BOURDIEU, 1996:185 apud PIOVESAN, 2007, p. 4-5).

As posições de Levi e Bourdieu abrem uma discussão que nos faz pensar acerca da maneira de racionalidade que é necessária para escrever biografias. Portanto, nós enquanto historiadores, devemos imaginar as histórias de vida como um processo de escolhas muitas vezes não racionalizadas, respeitando as individualidades, não negligenciando as tensões, as ambiguidades, as incoerências próprias do vivido.

Atualmente, as biografias fogem do modelo positivista, que tratavam exclusivamente da "história dos grandes homens", dessa forma, essa pesquisa sobre José Antônio do Nascimento Filho vem abordar sua trajetória de vida dedicada a poesia dentro de um novo modelo de se fazer história, que se enquadra na "história vista de baixo", e ainda, a busca de compreender, a partir da vida do biografado, compreender as teias dos acontecimentos sócio-históricos que influenciaram e foram influenciados por sua história de vida.

CAPÍTULO 2. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

2.1 Aspectos Históricos

O município de Canhotinho começou o seu povoamento 1812 em terras pertencentes ao Sr. Antônio Vieira de Melo, herdeiro de sesmaria doada ao seu pai, que vinha tentando explorá-la desde 1690.

Segundo costume, o nome da cidade resulta da presença de dois irmãos. Para diferenciá-los, o mais baixo ficou sendo chamado pelo apelido de Canhotinho e o outro, Canhoto. Para homenagear os seus primeiros moradores, o povoado ficou conhecido como Canhotinho e o rio que corta a cidade recebeu o nome de Canhoto.

Canhotinho, que era devoto de São Sebastião, logo construiu uma capela sobre a invocação desse Santo próxima da sua casa. A partir daí, esse santuário do protetor da peste bubônica no município foi um chamamento a outros habitantes. Dessa forma, em poucos dias, deu origem a outras habitações, como também, marca o início do seu povoamento que teve por nome o seu fundador, Canhotinho.

Em 1 de julho de 1882 o povoado foi elevado a categoria de distrito pela Lei Provincial de nº 1.706, dando origem ao povoado São Sebastião de Canhotinho, jurisdicionado ao então termo São Bento, que pertencia à comarca de Garanhuns. Poucos depois, sua sede foi elevada a categoria de comarca pelo Decreto Estadual nº 21, de 2 de outubro de 1890 quando foi desmembrado do município de São Bento do Uma, data em que se comemora a emancipação política.

A sua categoria de cidade foi efetivada a Lei Estadual de nº 607, de 14 de maio de 1903. Constitui-se em município autônomo em 23 de Janeiro de 1893. [1]

2.2 Aspectos Geográficos

O munícipio de Canhotinho localiza-se no Agreste Meridional de Pernambuco, sendo inserido na microrregião de Garanhuns, em um território que abrange uma

[1] WIKIPEDIA, 2014, p. 01.

área de 423,075 km². De acordo com o senso IBGE/2014³, a cidade possui 24 877 habitantes (WIKIPEDIA, 2014).

O Município de Canhotinho limita-se: Ao norte os municípios de Calçado, Lajedo e, ao Sul o Estado de alagoas e o município de Palmeirina, a leste o município Jurema, ao Sul o estado de Alagoas e o município de Palmeirina, a Leste o Município de Quipapá o Estado de Alagoas, a Oeste os Municípios de Calçado, Angelim e Palmeirina. Canhotinho fica a 210 kl da capital do Estado de Pernambuco. Administrativamente, o município é formado pelos distritos: Canhotinho Sede, olho D'água de Dentro e Paquevira e pelos povoados de Mucuri, Tupi, e Usina Crauatá. Na atualidade, Canhotinho comemora sua emancipação politica no dia 02 de outubro (SILVA, 2006).

2.3 Fim da década de 1950 e início da década de 1960

No período de 1955 a 1957 o munícipio de Canhotinho foi governado pelo prefeito e médico Teófilo de Holanda Cavalcanti, sendo o trigésimo primeiro da cidade (SILVA, 2006).

Durante seu mandato continuou exercendo sua profissão de médico, como prefeito fez vários melhoramentos com o objetivo de atender os mais humildes: construiu o clube das mães, no qual fazia distribuição de enxovais para as gestantes mais necessitadas, construiu a Praça Padre Antonio Callou, em frente à igreja matriz, arborizou a cidade, colocou nas escolas o fogão a gás, iniciou a distribuição de merenda escolar, pois como médico e prefeito tinha uma grande preocupação com o bem estar das crianças.

O Dr. Teófilo fico muito doente não tendo condições de assumir suas atividades. Em 1958, assumiu o Sr. João Barros e Silva, que morava em Calçados, distrito de Canhotinho, o Sr. João de Barros deu continuidade aos trabalhos iniciados pelo prefeito Dr. Teófilo, mas sempre orientado por Dona Armanda, esposa de Dr. Teófilo, mulher criativa e dinâmica, que sempre trabalhou em prol da felicidade dos canhotinhenses.

Entre 1959 a 1963 Canhotinho foi governado por José Ferreira de Amorim, tendo como vice Antônio da Silva Neves (SILVA, 2006). Este fez algumas reformas no município, construiu uma cacimba para atender as necessidades da população,

hoje já não existe mais a mesma, na época de seu mandato ocorreu um fato importante para os habitantes daquela localidade, a chegada de luz elétrica, que iria facilitar a vida da população, no qual o mesmo tinha como objetivo principal servir a população com muita dedicação e sempre com preocupação de atender as necessidades daquelas pessoas mais carentes do município (SOUZA, 2004).

2.4 Cultura

Como toda a cidade centenária, Canhotinho tem raízes culturais fortes, seja no cenário político ou social. Alguns se destacam na política, na literatura, na música, no teatro ou na poesia.

Na política, o canhotinhense Eraldo Gueiros Leite foi ministro do superior Tribunal de Justiça e Governador de Pernambuco, de 15 de março de 1971 a 15 de março de 1975. Ainda no meio político, em 1881, Canhotinho teve seu primeiro representante na Assembleia Legislativa, o sr. Cândido Ladislau de Azevedo. Seguido de José Costa Porto, José Ferreira de Amorim, Eriberto Gueiros, Carlos Porto Mendonça de Barros, Enoelino Magalhães Lira, Eudo Magalhães Lira, José Roberto Amorim Leandro, Eduardo Porto Mendonça de Barros e Álvaro Porto Mendonça de Barros.

Por volta de 1975 renasceu no município um Grupo Teatral Estudantil de Canhotinho (GTEC), formado por estudantes, com o objetivo de resgatar a cultura, sendo seus fundadores: José de Mira, Edva Magalhães, Marlons Duarte e José Alves, eles faziam suas apresentações no salão paroquial da igreja, com as peças: Paixão de Cristo, Coração Materno e Pluft o Fantasminha, divulgavam suas obras nas cidades de Quipapá, Bom Conselho, Palmeirina e no distrito de Olho D'água de Dentro. Na época o grupo recebeu um voto de aplausos da Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, por intermédio do deputado estadual Gil Teobaldo. Mas por falta de ajuda o grupo foi desfeito, tendo sido uma grande perda para o município.

No teatro, a presença da canhotinhense Beatriz Lyra, atriz que já participou de várias novelas da Rede Globo e outras emissoras.

Nas décadas de 1950 e 1960 Canhotinho viveu uma fase privilegiada, onde existiam no município as mulheres rendeiras, o reisado, o samba de coco, os artesãos de barro, uma vez que, nada disso foi preservado.

Uma tradição cultural que nem mesmo o descaso dos nossos governantes conseguiu destruir, foi à festa de São Sebastião, que mantém ainda hoje tradições culturais como; procissões, leilões beneficentes, novenas, fogos de artifício. Valores estes, que provam e demonstram a cultura de um povo.

Canhotinho possui uma veia forte de poesia e outras artes literárias. Nos anos setenta um filho da terra Costa Porto, editava e lançava um livro dissertando sobre a história política e geográfica da cidade.

Nos anos oitenta, o Escritor José Davi editava livros de versos e trovas sempre tendo Canhotinho como tema principal. Nos anos noventa a poetisa Graça Nascimento lança o livro “Na Nudez da Poesia”, com uma linguagem inovadora e revolucionária, levando o nome da cidade a ser falada em reuniões de intelectuais de Brasília, Rio de Janeiro, Recife e todos os pólos culturais do estado. A escritora e poetisa lançou em 2003, outra obra, chamada “Outras Graças”, em versos e prosas com o mesmo estilo revolucionário fazendo novamente o nome da cidade, correr cidades e capitais. Canhotinho também é a terra do grande poeta José Antônio do Nascimento (Zeto), que possui um trabalho musical e poético conhecido e respeitado nacionalmente.

Na música temos filhos ilustres como os artistas populares; além do nosso biografado, Zeto, a cidade possui outros músicos: Passo Preto, Louro, Caramba, Pirrita, Andinho (filho de Pirrita) Zé Pinheiro e Nenen, músicos internacional. Temos também os improvisadores de viola, o mais conhecido; Sr. Dão, ainda hoje sobrevive e continua fazendo seus versos, mesmo sem o menor reconhecimento.

No início dos tempos Canhotinho era uma cidade bastante desenvolvida na parte teatral, os jovens da época participavam de grandes apresentações teatrais, tais como; a Arca de Noé. A Choupana Bretan, A Morte da Águia, Bailado das Nações, Os Quadros da Filha de Jephte, todas estas apresentações vieram abrilhantar a população canhotinhense, estes espetáculos eram apresentados no armazém do Sr. Motta, grande comerciante da época, onde à noite o seu armazém dava lugar a um grande salão de gala, iluminado por lampiões, estes artistas não só faziam suas apresentações para a cidade, mas para os distritos e cidades vizinhas, com o objetivo de promover e divulgar o seu belíssimo trabalho. Com o tempo por

falta de incentivo de alguns governantes da época, não houve continuidade deste trabalho.

Em 2000 surgiu um novo grupo teatral no município, em homenagem aquele grupo teatral que muito lutou para levar o nome da cidade em sua arte. Resolveram homenagear com o mesmo nome, o novo (GTEC); com seus principais componentes: Kledy Porto, Daniel Silva, Manoel Vasconcelos, Madalena Sofia e Mercês Nascimento, no qual este grupo veio para abrir novos horizontes na cultura do município. No começo o grupo teatral passou por muitas dificuldades, mas consegui supera-las, hoje eles já possuem uma estrutura bastante sólida, com as apresentações das peças: Paixão de Cristo, Nascimento de Jesus e a Vida de São Sebastião, realizadas no campo de futebol do Centro Social Urbano deste município, este maravilhoso evento consegue reunir um publico de aproximadamente de 3.000 pessoas, todos estes eventos tem o apoio da Prefeitura local. Durante o ano o grupo faz pequenas apresentações na cidade e nos distritos (SOUZA, 2004).

2.5 Metodologia

Esta pesquisa foi realizada através do levantamento e da analise de varias fontes, utilizando-se de um conjunto de procedimentos descritos abaixo.

2.5.1 Tipo de pesquisa:

Esta pesquisa voltasse diretamente na análise da vida de um individuo em diversos aspectos. Tendo em vista que ele esta inserido em um contexto social e o mesmo é agente transformador da história. Em questão de definição da pesquisa podemos dizer que ela e de caráter exploratório onde tivemos que buscar informações de forma qualitativa em diversas localidades através do auxilio de entrevistas, delimitamos o trabalho como pesquisa de campo. Nesse processo evidenciamos o uso do método oral como meio para construção dessa pesquisa.

> [...] a história oral, pode dar grande contribuição para resgate da memoria nacional, mostrando um método bastante promissor para a realização da pesquisa em diferentes áreas. A memoria de um pode ser á memoria de muitos possibilitando a evidencia dos coletivos (THOMPSON,1992, p. 17).

Foram realizadas três entrevistas com pessoas ligadas por laços de parentesco com o sujeito biografado, no intuito de compreendermos melhor a personalidade do mesmo e sua forma de ser no mundo. Sobre as entrevistas passaremos a detalha-las a seguir.

A entrevista com a babá de Zeto, a senhora Cícera Balbina da Silva, ocorreu em Canhotinho na rua Airton Sena na residência da irmã de Zeto a senhora Katia Maria do Nascimento, onde dona Cícera mora atualmente. A entrevista foi realizada individualmente com duração de 27:12 minutos, o intuito da entrevista era que a babá relatasse a infância de Zeto visto que a mãe do poeta já é falecida e dona Cícera seria a pessoa mais próxima a Zeto nessa fase da vida, nessa ocasião foi usado um questionário para ajudar a impulsionar a memoria da babá, porém sentimos dificuldades pois a timidez da babá e a idade não permitiram relatos concretos sobre a infância de Zeto. Apesar das dificuldades nos relatos colhidos, dona Cícera sempre falava em Zeto com um brilho especial nos olhos e com muita emoção e carinho.

A entrevista com a senhora Greisse Maria do Nascimento irmã mais velha de Zeto ocorreu na cidade de Catende na Policlínica Palmares, onde a mesma trabalha, a entrevista foi individual e teve como objetivo a coleta de fatos sobre a infância e adolescência de Zeto, a duração da entrevista foi de 23:02 minutos e as lembranças de dona Greisse nessa fase da vida do nosso biografado se mostrou com mais clareza, através de seus relatos conseguimos informações importantes e com mais detalhes, ela demonstrou na entonação da fala bom humor e muitas saudades pelo irmão.

Entrevista com a esposa, viúva, de Zeto, e seus filhos Greg, Antônio e Miguel. Essa entrevista teve a particularidade de ser realizada em grupo, onde se buscou que os/as entrevistados/as interagissem o máximo possível sobre cada pergunta colocada, de modo a apreender os sentimentos, lembranças, concepções, valores, de cada pessoa sobre os questionamentos levantados a respeito da vida de Zeto do Pajeú. O local da entrevista foi à residência da família, localizada na Cidade do Recife, bairro da Madalena. Durante 1 hora e 26 minutos e 36 segundos, os/as entrevistados/as intercalaram suas impressões sobre a pessoa de nosso biografado, em falas sempre carregadas de emotividade e bom humor. O tipo de entrevista foi o

de entrevista semi-estruturada em grupo, onde procurou-se estabelecer questionamentos que favorecessem o maior número de informações e impressões possíveis e, assim, possibilitar o maior número de dados. As falas não foram ordenadas, mas cada pessoa entrevistada poderia falar conforme desejasse. Percebemos que houve uma polarização das falas, especialmente das falas de Marinho, filho do meio de Zeto e Bia, e da própria Bia, os filhos Greg e Miguel, falaram pouco, levando-nos a ter a preocupação de algumas vezes direcionarmos as perguntas a estes últimos. A gravação da entrevista foi realizado em aparelho de celular com capacidade de gravação de áudio, e posteriormente transcrita, constando ao final desta monografia.

Os locais foram escolhidos pelos familiares, e os ambientes eram agradáveis e sem ruídos, o que ajudou na rapidez e eficácia das entrevistas. Segundo Medeiros, Velozo (2011, p.52): “Provocar a abertura para o diálogo foi a principal estratégia que utilizamos”.

Usamos um questionário com varias perguntas sobre a vida de Zeto, porem a liberdade das respostas foram respeitadas e não houve em momento nenhuma interferência de outros nas entrevistas. Todas as entrevistas foram transcritas e analisadas também fizemos comparações com os textos lidos em blogs que publicaram sobre a vida de Zeto para observar se as informações eram realmente verdadeiras.

Foi feito um levantamento bibliográfico para a construção da fundamentação teórica, dessa forma, foram utilizados o livro Os Caminhos de Clio. Interfaces de Saberes de José Adilson Filho 2001; A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989 de Peter Burke 1991; História e História Cultural da professora e historiadora, Sandra Pesavento 2005; e Usos e Abusos da História Oral de Marieta de Moraes Ferreira 2002. Além desses livros, foram utilizados sites e artigos.

No segundo capítulo utilizamos o livro: Reminiscências: minha terra, minha gente: Canhotinho do historiador José David da Silva. Nessa parte da pesquisa, tivemos certa dificuldade, pois Canhotinho não possui nenhum arquivo que pudéssemos fazer pesquisas.

Para o terceiro e último capítulo, direcionado a trajetória de vida de Zeto, além das entrevistas orais, utilizamos uma reportagem do Jornal do Commercio, intitulada: A memória de Zeto do Pajeú, escrita por Ítalo Rocha Leitão; Blog professor Iano

Pires com uma reportagem popular: Zeto – O Andarilho e o Blog Cantiga e Contos, uma reportagem com o título, Poesia: Zeto, poeta andarilho adotado pelo Pajeú de Gilberto Lopes.

CAPÍTULO 3. TRAJETÓRIA DE VIDA DO POETA ZETO

3.1 Infância e Adolescência*

José Antônio do Nascimento Filho nasceu no dia 15 de Julho de 1956, às 21 horas, na rua Dr. Afonso Pena, no munícipio de Canhotinho, Estado de Pernambuco.[2] "Nasceu em casa, como era de costume da época, o parto foi feito por Doutor Teófilo de Holanda, único médico do município" (Greisse Maria do Nascimento, 2014).

Segundo costumes do seu pai, que era natural da zona rural de São Bento do Una, as placentas dos seus filhos eram enterradas no quintal da sua casa.

> Uma curiosidade é que quando o parto iniciava o nosso pai cavava no quintal um buraco, onde era enterrada a placenta. A festa da chegada de José Antônio do nascimento Filho foi grande. O cachimbo como chamava-se a mistura do mel com a cachaça, era preparado com antecedência em cocos, furados bem fechados por meses. Servia-se também licores de vários sabores, também produzidos artesanalmente (Greisse Maria do Nascimento, 2014).

No que se refere a esse costume, a placenta sempre teve papel importante em diversas culturas, dispondo, geralmente, de rituais para o seu tratamento após o parto. No ocidente é comum as placentas serem incinerada ou enterradas. Os Maoris da Nova Zelândia, por exemplo, que enterram a placenta de um recém-nascido no intuito de melhorar o relacionamento entre os seres humanos e a Mãe Natureza (JÚNIOR, 2009).

Sexto filho de José Antônio do Nascimento e de Maria das Mercês Araújo do Nascimento, tendo como irmãos: Greisse Maria do Nascimento, Iale Maria do Nascimento Bruno, as gêmeas (que foram a óbito) Maria das Graças do Nascimento e Maria do Socorro do Nascimento, Maria das Graças do Nascimento, Maria da Glória do Nascimento Martins, Antônio José do Nascimento Neto, Maria das Mercês Belfort do Nascimento e Katia Maria do Nascimento, respectivamente em ordem

* A partir do capítulo 3 utilizamos fragmentos dos depoimentos coletados em entrevista. Utilizamos os nomes artísticos de alguns depoentes: Antônio Marinho do Nascimento (Antônio Marinho), Maria Beatriz Marinho Patriota do Nascimento (Bia Marinho), Miguel Adélio Marinho do Nascimento (Miguel Marinho) e Pablo Gregório Marinho Patriota Passos (Greg Marinho)

[2] Certidão de Nascimento

cronológica. “A vinda de José Antônio do Nascimento Filho foi muito esperada, pois antes dele nasceram cinco mulheres” (Greisse Maria do Nascimento, 2014).

Do ponto de vista histórico, uma das principais características da nossa sociedade se reflete entre a desigualdade dos sexos, percebemos que desde das primeiras civilizações criou-se um mito sobre a inferioridade das mulheres. (CHAGAS, 2008, p. 01).

Como afirma Martin Raimar Portener (1996, p. 22-23):

> O desenvolvimento do menino nas culturas ocidentais é via de regra cercado da maior expectativa. Quando se examina o comportamento dos pais tem-se a impressão de que eles agem como se do filho homem dependesse o prosseguimento da família. É verdade que a perpetuação do nome do pai será garantida pela prole masculina, mas parece haver, ainda, uma espécie de certeza de que da força do filho homem advirá segurança e prosperidade.

No código civil brasileiro antigo - art. 240 do CC/16, a mulher sempre herdava o nome do marido. Já no novo código civil (Lei n.º 10.406/2002) qualquer um dos nubentes, querendo, poderá acrescer ao seu o sobrenome o nome do outro (FONSECA, 2003).

Tendo como avós paternos, Antônio José do Nascimento e Maria Firmina de Macêdo, e maternos, Manoel Vilela de Araújo e Luíza Vilela de Araújo.

No dia 12 de outubro de 1956 ocorreu o Batismo de José Antônio do Nascimento Filho, realizado na Igreja Matriz da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Canhotinho pertencente à diocese de Garanhuns. O celebrante da cerimônia foi o Padre Pedro Barros, tendo como padrinhos o senhor Pedro Francisco Moura e a senhora Maria de Lourdes Moura.[3]

O início da sua infância foi vivida em Canhotinho ao lado dos pais e irmãos, marcada pela presença de uma babá de nome Cícera Balbina da Silva. A relação de Balbina com José Antônio do Nascimento Filho era intima, marcada por afeto e carinho, onde o mesmo a chamava de “Balbina”, contrariamente ao restante da família que a chamava de Didi. Ela ainda relata que a relação dele com os pais e irmãos era harmoniosa. Na escola sempre foi estudioso e se dava bem com todos os colegas.

[3] Lembrança de Batismo

> Ele era uma pessoa maravilhosa né, uma pessoa bacana. Se dava muito bem com tudinho, com tudinho era uma família bacana, os irmãos tudo se dava bem um com o outro. Ele não gostava de briga nem nada, era no canto dele queto (Cícera Balbina da Silva, 2014).

Ainda sobre sua infância:

> José Antônio do Nascimento Filho era um menino tranquilo e sem grandes ciclos de amizade, pois naquela época a educação era muito rigorosa em relação a horários, saídas de casa e nossa mãe era rigorosa em relação a sempre conservar os filhos mais em casa (Greisse Maria do Nascimento, 2014).

José Antônio do Nascimento Filho apelidado por “Zeto” pela irmã mais velha, Greisse Maria do Nascimento, apelido esse que perdurou até sua fase adulta e até como nome artístico. “Era também chamado na intimidade da família por “Tontonho”, sendo que, os pais sempre o chamaram de “Zé Antônio” (Greisse Maria do Nascimento, 2014).

“Aos cinco anos se mudou com sua família para Caruaru”, (LEITÃO, 2012, Jornal do Commercio) e o principal motivo de deixar sua cidade natal “foi distância do trabalho do seu pai, que na época era fiscal de renda na Secretaria da Fazenda e também a preocupação que ele tinha com os estudos dos seus filhos” (Cícera Balbina Da Silva, 2014).

“Durante a sua adolescência, Zeto estudou no Colégio Diocesano” (Maria das Graças do Nascimento), localizado na Rua Deputado Filho, 227, no bairro Maurício de Nassau.

José Antônio do Nascimento Filho, Zeto, despertou o gosto pela poesia durante a sua adolescência. “Aos 14 ou 15 anos começou a tocar violão por conta própria, nunca teve professor” (Greisse Maria do Nascimento, 2014).

> A poesia é a tradução em palavras do universo desconhecido das emoções, é uma esfera pouco compreendida, que tenta muitas vezes transmitir significados nas entrelinhas dos versos. Este edifício constituído pela magia das palavras revestidas de sonoridades, estruturas rítmicas e visuais, por significações latentes, desvela a alma humana, dá espaço para que ela expresse suas inquietações e anseios interiores (SANTANA, 1996, p. 01).

“O poeta não tem compromisso com o mundo da sua imaginação, sendo ele o criador de um mundo que deveria existir” (LIMA, 2009, p. 38).

“Dos 19 aos 29 anos, Zeto viveu na capital pernambucana, Recife” (Greisse Maria do Nascimento, 2014) “Nessa mesma época ele ajudava o pai que era Fiscal de Renda” (Antônio Marinho, 2015). Nesse período ele serviu ao Exército, fugindo várias vezes do quartel porque não suportava trabalho formal. (Greisse Maria do Nascimento, 2014)

O seu primeiro casamento foi com uma jovem de Olinda chamada Niedja. Era um grande amor. Eles moravam na casa dos pais dela que adoravam Zeto. Tiveram um filho Hugo Belfort do Nascimento. Ele era apaixonado pelos dois: mãe e filho (Greisse Maria do Nascimento, 2014).

“Com pouco tempo Zeto perde seu pai que era sua grande referência”. (Antônio Marinho, 2015). A perda do pai trouxe a Zeto um desequilíbrio emocional muito forte, pois ele tinha uma grande admiração e respeito pela história de vida de seu pai, depois da perda repentina dele Zeto muda radicalmente sua vida larga o emprego e vai viver de arte de poesia de música e faz isso ate o fim da sua vida. E passa a ter uma vida de andarilho, “viola debaixo do braço, poesia na ponta da língua, voz entoada e bela e para regar esse clima a bebida e o cigarro” (Greisse Maria do Nascimento, 2014).

3.2 Carreira Artística

A carreira de Zeto só teve visibilidade depois do seu segundo casamento, com a também artista e cantora, Maria Beatriz Patriota do Nascimento, mais conhecida como Bia Marinho, dona de uma das vozes mais conhecida do sertão. “Os dois se conheceram após uma viagem feita por Zeto a São Paulo no ano de 1986 para participar do Congresso do Partido Comunista, ela lhe abriu não só o coração, mas também o caminho do Pajeú e da fama” (LEITÃO, 2012, p. 01).

Como afirma Bia Marinho (2015):

> Eu conheci Zeto em abril de 86. Eu fui convidada pra ir cantar no aniversário da Voz da Unidade que era uma revista do Partido Comunista e nós erámos simpatizantes, a gente nem se conhecia e ele trabalhava e cantava num bar aqui no Recife, no La Bouche, que era de Chico, que era uma pessoa que era do Partido. E ai ele foi cantar numa feijoada, no aniversário, em alguma coisa que teve do Partido e Guri que era uma pessoa muito ligada ao Partido Comunista convidou Zeto, disse: Zeto, a gente tá indo pra São Paulo,

> contou uma história assim, assim. Aniversário da voz da unidade, bora quer ir com a gente, tem transporte e tem um alojamento, certo e vocês banca alimentação e Zeto foi e eu fui com o pessoal do Partido lá de Garanhuns com Marcos e Emília.

O primeiro encontro de Zeto e Bia foi um pouco inusitado, mas sem dúvidas um encontro que mudaria a vida de ambos. Como relata Bia Marinho:

> Quando a gente tava chegando de tarde, perto da Católica, não lembro mais o local certo, que era a cede do Partido, tava se organizando, ônibus chegando, esperando os outros chegarem, e ai eu tava com duas amigas, Carmita que é madrinha de Greg e a irmã dela que tava indo nessa viagem também, e aí a gente saiu pra ir ali no Bompreço pra comprar umas coisa pra lanche pra viagem quando a gente ia saindo Zeto ia chegando de viola nas costas, ai Alcina disse assim: eita Maria Bia já tem quem toque pra tu cantar na viagem, sabe, ai passou. A gente foi comprar, voltou, quando voltou não encontramos Zeto no ônibus, todo mundo já se organizando, todo mundo já tá no ônibus bem prontim e que era dois ônibus, quando já ia partir daqui a pouco abre a porta e Zeto entra com a viola, ai ele disse: oh é o seguinte pessoal tem um ônibus com umas pessoas mais lordes, mais engravatadas, eu tava nesse ônibus. Era um ônibus com ar-condicionado, o da gente era os acanaiados. E ai chegou uma pessoa mais lorde e perguntaram se eu não fazia questão de trocar e eu tô vendo que vim pro canto certo. Quando ele chegou, ele viu que já tava a folia. E ai ficou nessa história e a gente terminou saindo a noite do Recife. (Bia Marinho, 2015)

A viagem que perdurou três dias realizou-se em meio a cantorias e declamações de vários artistas que também iam participar do mesmo evento realizado pelo Partido Comunista, durante todo o trajeto houve muita farra, regada a bebidas e outras substâncias.

Como relata Bia Marinho: “ai quando já passou do Cabo não sei pra onde, ai começaram a tomar as história não sei pra onde, ai começaram a tomar um vinho, e começaram a tocar, e bem com duas horas de viagem ai”.[4]

- Fumar Maconha. (Antônio Marinho, 2015)
- Mais tinha uns careta também. Depois lá atrás nós fazia bem escondidinho. (Bia Marinho, 2015)
- Nem tudo é perfeito. (Miguel Marinho, 2015)

[4] Roda de conversas entre Antônio Marinho, Bia Marinho e Miguel Marinho. Depoimento concedido em: 19/01/2015

O primeiro contato de Zeto e Bia ocorreu através da bela música De Volta Pro Aconchego da cantora Elba Ramalho, cantada por Bia e acompanhada pela melodia da viola de Zeto.

> E ai, ele começou a tocar, uma farra. E eu tava mais na frente, assim, eu e Carmita e eles lá atrás na cozinha, na farra, e começaram a tocar. Ai depois a Emilia chega cá Maria Bia canta uma música aqui, num sei o que, ai eu fui lá pra trás. Ai cantei, tava assim no auge de volta pro aconchego, ai foi a primeira música que eu cantei Zeto me acompanhando, de volta pro aconchego (Bia Marinho, 2015).

No embalo da primeira canção, o restante dos passageiros pede para eles continuarem cantando e agora fazerem uma homenagem à velha guarda. “Ai depois um pessoal mais velho disse agora tem que ter uma música pra velha guarda, pessoal da velha guarda. Ai cantei fascinação e depois parei, fui lá pra frente e eles continuaram na farra”. (Bia Marinho, 2015)

A partir daí surge uma amizade entre os dois, “Carmita levanta e Zeto vem e senta junto de mim, ai começa a conversar” (Bia Marinho, 2015). O diálogo entre os dois se estende durante a noite e Zeto procura saber mais sobre a vida de Bia.

> Ah, eu soube que você é de São José do Egito, ai começou a falar: Você conhece Branco? (porque é meu irmão) filho de Lourival Batista. Conheço. Você conhece Jó Patriota? Lourival Batista? (que é meu tio, meu pai, né?) eu digo conheço, conheço tudim. Ele disse pronto, porque eu conheci umas coisas desse pessoal na casa de grapiuna, de Ésio Rafael, que é um amigo. Ah, meu amigo também! Ah, Você conhece? Conhece? É. Ai ficou aquela conversa e eu não disse a Zeto quem era meu pai. E rolou, a gente foi bem agradável, assim (Bia Marinho, 2015).

Bia é filha de Lourival Batista Patriota, também conhecido como Louro do Pajeú, porém nesse momento ela oculta a sua paternidade a Zeto, o que faz o mesmo ter admiração, uma vez que ele já conhecia a história da família dela. Como relata Bia (2015):

> Eu sei que no outro dia de manhã ele chegou e disse assim: você me conquistou! Eu disse porque? Porque você não disse: é pai, é num sei o que. Porque geralmente quando conhece Louro? É pai, não disse né? Eu digo pronto, mais já era embromação pra se encostar.

Essa admiração gera uma paquera, “quando eu via que ele tava num canto, eu dava um jeito de chegar no mesmo canto. E também, quando eu tava ele dava um jeito, e as meninas já na onda, ai chegava” (Bia Marinho, 2015). Além disso, os amigos de ambos ficaram na torcida para a formação do novo casal. Alcinha, amiga de Bia, chega e diz: “Maria Bia tu hoje encontra o rapaz fácil, ele tá vestido de bandeira do Brasil. Ele tava com uma calça amarela e uma blusa verde de crochê, tu vai avistá-lo em qualquer canto”. (Bia Marinho, 2015)

Na volta da viagem Bia conta mais sobre sua vida, como também, fala que já era mãe de um menino de dois anos, chamado Greg. A partir daí Bia tenta uma aproximação mais íntima com Zeto só que ele demonstra nenhuma atitude. Segundo ela:

> E ai eu já tinha falado com ele sobre Greg, sei que na volta eu comecei já, esse rapaz é muito comportado, ai eu comecei ver se dava pra ele entender alguma coisa, tomava uma atitude, ele nada. Eu depois disse: Zeto eu já não aguentava mais dor no pescoço, dormindo, agora ele se apossou da cadeira de Carmita e viajou junto comigo. Eu dormia, fazia que tava dormindo esticava tanto o pescoço, ver se ele ficava cheirando meu pescoço e não tinha jeito. E, mas ele doido pra fazer e com medo de chegar também né? A fama da mulher sertaneja. (Bia Marinho, 2015)

Em Minas Gerais eles passam por dificuldades, visto que, os passageiros sofrem de um mal estar ocasionado pela comida durante um almoço na cidade de Glauber Rocha localizada na Bahia, fazendo com que a viagem fosse interrompida. De acordo com Bia (2015):

> Eu sei que chega em Minas, em Minas a gente almoçou. E na cidade Glauber Rocha, Bahia, né? A gente chegou à noite e tinham comido uma comida que fez mal no almoço e muita gente do ônibus adoeceu, inclusive o motorista teve que ser internado. E, ai a gente teve que dormir, nessa cidade de Minas. E ai todo mundo parou pra ver o halley que tava, que dava pra ver dessa cidade, todo mundo foi olhar o cometa halley, que tava passando e ai a gente curtiu a noite assim nessa cidade, os que tavam bem.

Tentando se aproximar cada vez mais de Zeto, Bia não fica com o restante dos passageiros em uma pousada e prefere dormir perto dele no ônibus. Apesar das investidas de Bia para que ocorresse uma troca de afeto, Zeto não se manifestou. De acordo com Bia:

> E quando foi se aguentar, ai disse assim: as mulheres vão todas dormir numa pensão, num canto lá na pensão. E os homens no ônibus. Tinha caminha do ônibus, do motorista lá atrás, sabe? o motorista ia dormir mais confortável porque ia dirigir no outro dia e o motorista tava doente. Ai eu disse: eu digo, eu vou nada, vou ficar aqui nessa cama. Ai peguei a cama do motorista, lá atrás do ônibus, sabe? E os homens tudim. Ai quando Zeto fica na cadeira, eu digo: vem pra cá é mais confortável. E mesmo assim não teve jeito, vei, eu me espreguicei tanto de noite, pra tocar nele, mas não tinha jeito. (Bia Marinho, 2015)

Na manhã seguinte, Zeto surpreende Bia com uma homenagem dedicada ao filho dela, o que ocasionou no primeiro beijo dos dois, surgindo assim à relação amorosa entre eles. Como afirma Bia Marinho (2015):

> Ai acordou no outro dia, quando eu me acordo tá Zeto com uma foto de Greg, ai fez um acróstico pra Greg, né? Sem conhecer, só as história eu contando de Greg, ele doido pra conhecer Greg, num sei o que, eu digo sim. Ai eu acordei tinha um acróstico pra Greg, ai pronto ele me deu o acróstico, ai digo é a oportunidade, ai agradeci com um beijo. E dez dia depois disso a gente tava morando junto. Eu acho se a gente completasse duzentos anos vivo, a gente ia, eu acho que ia ser entre altos e baixos a gente ia ficar juntos até morrer um dos dois, assim mesmo como aconteceu.

Zeto chegou a São José do Egito no mesmo ano em que conheceu Bia, pois os dois resolveram se unir com dez dias depois de ter ocorrido à viagem a São Paulo. Logo que chegou ao Sertão conheceu o pequeno Greg, filho da cantora e por quem se apaixonou de imediato.

> Greg pequenininho assim quem ele gostava e conhecia, ai ele gostava, agora se fosse uma pessoa que ele não conhecesse ele dava muito cartaz não, sabe? E quando a gente chegou de manhãzinha, a gente pegou um ônibus aqui (Recife) a primeira vez que Zeto foi em São José, dez dias depois (da viagem) vamos se amancebar, bora. Se não der certo, separa. Ai a gente chegou bem cedinho lá, quando eu cheguei com meia hora Greg acordou no berço e quando eu ouvi a vozinha dele ai eu corri pro quarto e Zeto foi pra conhecer e ele tava sentado no berço, ai eu falei com ele, cherei tudo e num sei o que, mais Zeto chamou e ele já deu os braços a Zeto, assim foi uma coisa a primeira vista mesmo, uma paixão a primeira vista e depois com meia hora, Zeto já tava subindo e descendo a ladeira com Greg na cacunda, já tinha conquistado (Bia Marinho, 2015).

Seguindo a saga do Nordeste, ao chegar em São José do Egito, Zeto pede a mão de Bia ao seu pai, Louro do Pajeú.

> Sentados em círculo na sala da casa da família de Bia, Zeto abriu o discurso. Mas de nada adiantaram os ensaios. Cada vez se enrolava mais e não saia nada compreensível. Bia interveio: "Pai, ele quer pedir minha mão". Louro do Pajeú, poeta maior da região, com aquela sabedoria secular do sertanejo, olhou para o pretendente e disparou com um sotaque nordestino bem carregado: "É só o que falta ela te dar". A família caiu na gargalhada e começava ali uma longa história de amizade entre os dois poetas (LEITÃO, 2012, p. 01).

A partir desse casamento, ele fica conhecido como Zeto do Pajeú. “Apaixonado por poesia e por música, logo se adaptou à nova moradia, que já era conhecida como a terra dos poetas” (LEITÃO, 2012, p. 01).

Ainda sobre sua vida em São José do Egito, Bia relata:

> Assim eu acho que no primeiro dia ele conquistou São José, no primeiro dia a família e no segundo a cidade, sabe? Pronto, todo mundo apaixonou-se assim de uma forma e Zeto se enganchou em São José por todos os níveis inclusive isso vocês podem até não registrar que vocês são de Canhotinho e podem não gostar, que ele era louco pra ser de São José, dizia era muito que queria ser muito de São José, que quando tinha entrevista ele fazia tudo pra não ser perguntado de onde era, porque ele achava bom que o povo pensasse que ele era de São José, essa coisa da poesia que ele foi e se apaixonou muito, pela poesia, porque ele era louco por Canhotinho também. (Bia Marinho, 2015)

São José do Egito, localizada no Sertão do Pajeú de Pernambuco, é uma cidade que ganhou visibilidade por meio de uma produção literária do gênero poético. Sua história evidencia a existência de uma fonte de poesia inesgotável.

Os valores, presentes na sociedade, contêm significados não devidamente explicados, porém diretamente implicados nas ações e na construção do pensamento.

Hoje, essa cidade é conhecida quase que nacionalmente como: “O Berço Imortal da Poesia”, “Terra dos Cantores do Repente”, “Reino Imortal do Repente” entre outros títulos que amantes e apologistas da poesia lhe dão.

A poesia em São José do Egito é parte integrante da formação social, cultural e educacional dos seus habitantes. É comum encontrar nas ruas, nos bares, e outras ambientes sociais pessoas que saibam pelo menos uma estrofe decorada de um poeta local.

Artista importante para a cultura de São José do Egito, “Zeto, reascendeu muito essa coisa da glosa[5] com os poetas lá em São José. Lá sempre tinha uma roda de glosa no quintal lá de casa”. (Greg Marinho, 2015)

Engajado na poesia e na sociedade, Zeto ganhou o título de cidadão honorário de São José do Egito, mostrando a sua importância para o cenário sócio cultural egipciense. Porém em seu discurso Zeto surpreende a todos, o que para ele receber esse título seria uma prova de que ele realmente não é filho da terra.

> Quando ele recebeu o titulo de cidadão lá em São José que ele subiu lá no negócio da câmara né? Ai todo mundo esperava que Zeto falava super bem, então todo mundo, ai Zeto vai arrasar nesse agradecimento, ai ele disse: receber o título de cidadão de São José foi a pior coisa que podia ter me acontecido nessa cidade, ai ficou todo mundo né? Ai disse: porque a maior prova que uma pessoa não é de uma cidade é receber o título de cidadão nela e eu queria que todo mundo continuasse pensando que eu era de São José. Se eu precisei receber o título, mais é isso cheio de histórias. Mas a melhor história dele são essas criaturas aqui, deixou e a influência musical e de todas as formas também na vida de Greg, pros três foi muito bom e eu sou apaixonada por ele até hoje. (Bia Marinho, 2015)

São José do Egito foi sem dúvida um divisor de águas na vida artística de Zeto, visto que ele era um poeta dos grandes centros urbanos, suas influências musicais se voltavam a cantores renomados como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Renato Teixeira, entre outros.

A chegada de Zeto a São José do Egito traz a ele uma grande fascinação ao lugar, pois ele encontra o repente, os trocadilhos, os cantadores de violas uma poesia mais tradicional, e isso o deixa maravilhado, ele não se intimida e também não se limita, Zeto dá ao lugar suas influências musicais e também recebe ele começa a ganhar influências dos poetas locais, o que acaba universalizando a sua obra, pois segundo Zeto “ um rio é irmão do outro”. (Greg Marinho, 2015)

> Zeto foi universal porque fez sem barreiras, não enxergou barreiras entre Rafaelzilnho do Serrote Pintado, e Baudelaire entre Mané Xudu e Fernando pessoa ele falava disso com a mesma paixão, com a mesma verdade e ele compôs sem barreiras ele viveu e viu o mundo sem essas barreiras através da poesia (Antônio Marinho, 2015).

[5] Glosa é um tipo de poema, utilizado normalmente pelos poetas do Nordeste do Brasil, principalmente os cantadores. Glosa é um poema com estrofes de mais de dez versos, que respondem a um desafio expresso em forma de mote e é composto por dois versos. Esses versos se apresentam na glosa de duas formas: ou os dois versos aparecem no fim da estrofe para compor a rima ou aparecem como quarto verso da glosa, e o outro verso na última posição.

Além de poeta, Zeto era um homem místico, “que ia uma, duas vezes na semana pra missa”. (Bia Marinho, 2015) O que não pode afirmar que ele era um homem católico, uma vez que, discordava de várias doutrinas pregadas pela igreja.

> Ele não era católico, não dá pra dizer que ele era católico, porque ele discordava de 99% do que a igreja fez e faz. Mas assim ele separava muito bem, ele ia pra igreja porque ele foi educado na igreja católica, então ele ia pra missa pra relação dele, não que ele precisasse, era um hábito dele (Antônio Marinho, 2015).

Os nossos pais eram muito católicos e ele herdou esse lado. A missa dominical para todos nós era obrigatória e nos trazia muito prazer. (Greisse Maria do Nascimento, 2014) Então Zeto tinha isso assim da fé, rezava todos os dias que acordava. “Meio dia em ponto, presenciei várias vezes, ele ligar para nossa mãe pedindo a benção, benção mamãezinha”. (Greisse Maria do Nascimento, 2014)

Zeto procurava promover qualquer tipo de assunto esotérico que ajudasse no seu crescimento ou cura espiritual, emocional, mental ou física, procurando afastar-se de assuntos que pudesse trazer benefícios financeiros.

> Mas, Zeto era um homem dos portais, de abrir as portas da percepção, ele acreditava nos chácaras, nas aberturas de portas para uma integração maior com o meio, ele acreditava no álcool, na maconha, em algumas substâncias como aliados pra isso, se você não tiver aberto nada abre. Mas ele acreditava nas substâncias como nós acreditamos, como aliados pra isso, pra abrir os portais de integração com a natureza. A gente tá aqui no meio, como é que a gente não vai se integrar, alguma forma de integração há, cada um escolhe a sua, daí ele tinha essa (Antônio Marinho, 2015).

Zeto era um artista que amava a arte, onde nunca guardava dinheiro, só ficava com o mínimo para o sustento da casa. “Se ele descesse pra Rua da Baixa, rua tradicional de São José, com 20 conto no bolso, ele pagava 20. Mas se ele descesse com 200, ele pagava os 200”. (Antônio Marinho, 2015)

> Zeto nunca reteve nada, Zeto pegava um dinheiro colocava no bolso, um cachê, uma coisa, Bia pegava o que precisava pra casa, num sei o que e ele sobra, sei lá, mil conto, tô dando um exemplo, ele botava num passava dois dias no bolso dele. Porque ele dizia Bia dinheiro fede na minha mão. A gente pedia 10 ele dava 50. Bia: ele dizia o Biata é bom porque a gente vai atrás de mais quando não tiver, se tiver a gente fica queto aqui (Antônio Marinho, 2015).

Hoje Zeto tem papel importante em São José do Egito, suas poesias são lembradas, cantadas ou declamadas constantemente no sertão do Pajeú, os poetas locais homenageiam Zeto em seus shows em festividades desenvolvidas na Região.

3.3 Relação de Zeto com os Filhos

Zeto no seio familiar se mostrava um homem zeloso e cuidadoso, onde transformava pequenos detalhes em grandes gestos. “Adepto ao acordar cedo, era quem preparava o café da manhã da família” (LEITÃO, 2012, p. 01). Sabemos que nos primeiros anos de vida, as crianças exigem muito da mãe. No entanto, além de ajudar nos cuidados com os filhos, Zeto evitava uma possível sobrecarga de Bia, uma vez que o homem tem um papel importante para o desenvolvimento dos filhos.

> A relação de Zeto com os meninos era maravilhosa, Zeto toda vida foi um Pãe um Pãe né, Zeto foi um pai maravilhoso sabe, foi um pai, que quando marinho nasceu mãe dizia assim: Maria Beatriz eu vejo a hora de tu querer que Zeto der de mamar ao menino, e ele dizia assim: o Helena e eu morro de inveja por que não posso dar. (Bia Marinho, 2015)

Partindo desses pressupostos foi solicitado aos filhos que eles relatassem a relação que eles tinham com seu pai, Zeto.

Os depoimentos o quanto o mesmo era afetuoso, levando ao extremo tudo o que fazia.[6]

- Zeto era extremoso e extremado. (Antônio Marinho, 2015)

- E ele fazia não porque eu pedia é porque ele gostava de fazer. (Bia Marinho, 2015)

- Era quem me penteava pra ir para escola. (Greg Marinho, 2015)

- Era quem dava banho, vestia dava a comida e Bia dormindo acordava de dez ou onze. (Antônio Marinho, 2015)

[6] Roda de conversas entre Antônio Marinho, Bia Marinho e Miguel Marinho. Depoimento concedido em: 19/01/2015

- E o almoço tava pronto que antes dele acordar agente acordava de seis e meia, sete horas pra ir pra escola, mas antes dele acordar agente ele fazia o almoço, quatro da manhã Zeto tava em pé. (Antônio Marinho, 2015)

- E até isso fralda descartável na época era artigo de luxo só podia usar em festa de aniversário era no médico e essas coisas, nera? Até essas coisas tirar fralda dar banho de pentear, Greg quando Marinho nasceu Greg tinha três anos então ele acordava de manhã dava banho em Greg vestia a roupa de Greg trocava a roupa, pegava Marinho, Marinho dava a primeira mamada. (Bia Marinho, 2015)

- E Bia dormindo pegava no berço e botava no peito. (Antônio Marinho, 2015)

- Eu dava de mamar ai ele trocava Marinho, arrumava Greg, saia pra levar Greg na "farmácia", na escola ia comprar o lanche de Greg lá na Brunela, nera Greg? ia comprar o lanche de Greg ai levava Greg na escola e ia dar o banho de sol de Marinho e só voltava na próxima mamada, por que eu toda vida adorei dormir ate tarde e ele adorava acordar cedo então qual o problema? Se ele tava acordado né e ele gostava ai morria de passear ai quando chegava dava banho botava ele mamava dormia outro sono, depois do segundo sono dele era que eu me levantava, mas assim ele fazia isso acho como eu me levantava de madrugada, por que às vezes ele passava o dia todo sem querer comer e de madrugada sentia vontade de comer "oh Biata se tivesse uma carne moída com um purê de batata ai agora eu comia um prato bom, e eu me levantava de madrugada e fazia com o maior prazer". (Bia Marinho, 2015)

- Ele era isso no, no muito amoroso muito carinhoso no dia a dia, tem a história de Miguel, ele ia levar Miguel na aula e toda vez dava um monte de cheiro em Miguel pra poder ir simbora, ai teve uma vez que Miguel, ele não dava só um cheiro ele exagerava ele dava mil cheiro na, em cada canto, ai foi chegando na esquina ai Miguel disse: oh pai aqui tá bom daqui eu vou sozinho, na esquina ai ele disse assim: não rapaz eu le levo ate o fim, ai Miguel não aqui ta bom, oxente o que houve? eu levo você todo dia ate lá? Miguel: é por que tu chega lá ai fica dizendo,

biruin, não sei o que, da um cheiro, pega aqui, pega ali, pega pai, pega na bunda, pega nos ovo, ai meus amigos fica mangando de mim. (Antônio Marinho, 2015)

- Ai ele deu uma gaitada. (Miguel Marinho, 2015)

- Ele deu uma risada e disse: pode ir, ele era isso, assim, Zeto conseguia ser um misto de irreverência e muita delicadeza era um homem muito polido, cavalheiro que partia a carne de Bia no prato e abria a porta do carro, mas não pisasse nos calo dele não que ai, e ate quando reagia era de forma inteligente e poética assim as respostas às coisas e as próprias atitudes, Zeto era um misto disso, Zeto serviu ao exército né, ele passou, ele foi do exército então dava valor ao acordar cedo a um sapato limpo, a uma roupa engomada a uma coisa, só que é ele fazia isso não porque, ele aprimorou como valor e internalizou de fato ele gostava. (Antônio Marinho, 2015)

- Ele queria que agente servisse ao exército também, graças a Deus nenhum resolveu fazer isso mais ele não queria que agente fosse do exército, ele queria assim alguma coisa que desce uma noção de disciplina de regra o mínimo, regra foi feita pra se quebrar, mas agente só quebra o que conhece então é bom entender o que é regra pra puder quebrá-la, pra não ser simplesmente um negócio solto no meio do mundo, ele tinha essa preocupação, um pai, um pai, muito presente muito carinhoso muito disso do dia a dia mesmo até as conversas, mas loucas possíveis, eu tenho umas coisa que escrevi sobre ele e eu me lembro uma vez eu num exercício eu devia ta na terceira serie, quarta serie dez anos de idade, ai, num exercício eu disse: O Zeto o que é reticência? Eu estudando pontuação, ele sabia o que era uma coisa ele podia vir e da uma explicação gramatical, ai ele disse: Reticência é faça e pense o que você quiser. E de fato reticência é faça e pense o que você quiser só que eu tinha dez anos, ele tinha que vir e dizer o que era uma reticência na pontuação, mas ele não vinha por que ele já tinha dado o bojo pra que agente entendesse o que ele tava dizendo era muito liberto da, da, da, coisa da autoridade, ada autoridade não do autoritarismo, autoridade ele tinha mas o autoritarismo nunca foi adepto a isso, então na intimidade ele era isso e na, e publicamente sempre foi isso também um homem muito polido que nunca sentou na mesa de Louro antes de Louro sentar, por que não ia sentar numa mesa antes do

dono da casa sentar né, né, amigo de Louro, irmão de Louro, pai dos netos de Louro, mas de trinta anos de convivência vinte anos de convivência e nunca sentou na mesa de Louro sem Louro sem Louro sentar, então tinha esse tipo de atitude e era plenamente irreverente não fazia isso por que nada mandava ou nada estipulava fazia por que via nisso um princípio via nisso uma atitude digna, uma escolha de vida. (Antônio Marinho, 2015)

3.4 Obras de Zeto

Zeto como artista sempre se mostrou um homem diversificado, simplesmente amava a arte e dedicou-se a ela intensamente sem limites e sem fronteiras. “Ele era poeta, ele era músico, ele era compositor, ele era declamador, ele era ator. Zeto também pintava e esculpia”. (Antônio Marinho, 2015)

Zeto era um artista que não se definiria, “era um cara que se dava bem com a arte”. (Antônio Marinho, 2015)

O primeiro trabalho de Zeto e Bia Marinho foi o LP, Estrada, datado de 1989. O disco foi uma reverência ao poeta e compositor, José Marcolino Alves, mais conhecido como Zé Marcolino, (LP: Zeto e Bia Marinho. Recife, maio 1989) “O estrada a gente gravou aqui na Poli disse, ali na Rua Imperial”. (Bia Marinho, 2015)

Sobre esse LP, Bia Marinho relata:

> O estrada foi um amigo nosso que na época o empresário não bancou, emprestou mais foi uma coisa muito de amigo. Naquela época que a inflação tava em 80% ao mês, ele emprestou na época dez mil nem sei o que era, pra gente, pra gente pagar com a venda do LP o mesmo dez mil, independente do que valesse. Quando forem vendendo vocês vão pagando. Hoje é bem fácil e mais barato, naquela época isso era muito dinheiro. A gente não tinha a facilidade que tem hoje.

O LP é uma simbólica homenagem a um cara que ele viu uma vez na vida, duas, mas que a musicalidade pirou a cabeça de Zeto. (Antônio Marinho, 2015)

No LP contém as seguintes músicas:

Lado A

ANDARILHO (Zeto e Bia Marinho)

SÃO JOÃO DE OURO (Zeto e Bia Marinho)
VENTO PENTEADOR (Zeto e Bia Marinho)
A NATUREZA AGRADECE (Zeto e Bia Marinho)
QUARTO PENSATIVO (Zeto e Bia Marinho)

Lado B

FORRÓPÉ (Zeto e Bia Marinho)
ESTRADA (Zé Marcolino)
RECORDANDO O CEARÁ (Zé Marcolino)
SABIÁ NA SECA (Zé Marcolino)
MARCOLINADA (Hilário Marinho e Zeto)

Em 1996, Zeto apresentou o programa Pé de Serra, na TV Jornal. (PIRES, 2014, p. 01) “O programa era gravado em março e transmito todos os sábados de maio e todos os sábados de junho”. (Bia Marinho, 2015)

Através desse programa Zeto teve contato com muitos artistas, como também entrevistou seu filho e poeta, Antônio Marinho. “Eu gravei com ele também, eu fui entrevistado uma vez. Tinha 11 anos, sei lá, 10, 11 anos. Ele dizia: Mestre Marinho! E me perguntando as coisas”. (Antônio Marinho, 2015)

Além de entrevistar seu filho, Zeto tentou inúmeras vezes entrevistar a sua esposa e cantora, Maria Beatriz Patriota. “Ele ficou danado porque eu nunca quis. Eu dizia, vou o que Zeto ser entrevistada por tu, vou nada. Tu me perguntando as coisas que tu morre de saber. Não vou nada, vai ficar muito sem graça. Nunca fiz o programa, ele era danado com isso”. (Bia Marinho, 2015)

A principal obra de Zeto foi sem dúvidas o CD Curvas, em 1999. (PIRES, 2014, p. 01). Gravado em apenas quatro horas, sem intervalo, num estúdio do Poço da Panela, no Recife.

> É um CD muito interessante, que ele saiu procurando onde é que tem um estúdio que eu possa fumar maconha aqui dentro dele fazendo. Ai achou um lá no poço da panela e ai o povo compra duas mil hora de estúdio, dez mil pra fazer, ai ele comprou umas seis gastou quatro. Sentou na cadeira com um violão e fez. É um CD assim, é um momento mesmo de criação, porque é um CD, pra gente é foda falar, mais é um CD extraordinário, uma coisa, é muito forte, ainda vai ser marco, ainda vai ser uma coisa, ainda vai chegar

> a hora desse CD, ainda não chegou não, ainda vão saber o que é esse cd daqui uns dias. E Zeto deixou ele é o Curvas, né (Antônio Marinho, 2015).

O CD Curvas é considerado o marco na carreira artística de Zeto.

> É a obra sem dúvida marcante dele, é a obra das obras, eu acho que ele morreu quando disse eu não vou fazer outro CD desse, eu vou cuidar em morrer. É um negócio impressionante aquele CD, meu irmão, é ele e o violão cara (Antônio Marinho, 2015).

No mundo da arte, algumas obras só ganham visibilidade após a morte do seu autor. E com Zeto não foi diferente, a importância do CD Curvas só foi reconhecida após a sua morte.

> Ai você tem pessoas, né, que foram referência, que foram conhecendo esse cd e que foram. Zeto passou infelizmente, a reverberar depois que já tinha partido, aqui ele sempre foi referência. Mas eu digo procurar quem era Zeto, num sei o que, pessoas virem atrás, muito depois que ele tenha partido, também porque intensificou essa coisa do encanto e da gente, Zeto tá na boca da gente o tempo inteiro (Antônio Marinho, 2015).

O CD era composto por dezesseis canções, à maioria composta pelo próprio Zeto, abaixo estão destacados os títulos de todas as músicas do último trabalho do poeta:

Curvas / Passagens / Inácio / Moldura / Se Soubesse / Até! / Rastro Antigo / Virtual Realismo / Realismo Virtual / Cigano das Horas / Três da Madrugada / Poema de Fernando Pessoa / No Batente de Pau do Casarão / Absorto / Testemunha das Minhas Amarguras.

Entre os artistas que gravaram suas composições estão Bia Marinho, Paulo Matricó, Alcymar Monteiro e Flávio José. (LOPES, 2013, p. 01). Tinha como influência musical os cantores regionais, porém não deixava de deleitar-se nas canções de Caetano Veloso, Jorge Mautner, Gil, Vicente Celestino.

Além disso, interpretava como ninguém o Ébrio, canção composta por Vicente Celestino, Asa Partida de Fagner e Cacimba Nova de Luís Gonzaga. (LEITÃO, 2012, p. 01)

No lado poético, conhecia e apreciava os versos de poetas como Baudelaire, Fernando Pessoa e Augusto dos Anjos. E interpretava com maestria sonho de sabiá

versos do poeta Joao Batista de Siqueira, mais conhecido como Canção. (LEITÃO, 2012, p. 01)

3.5 O Poeta de Arraes

Zeto sempre foi um poeta de palco de bares, gostava de fazer suas apresentações nessas localidades, nunca procurou um reconhecimento nacional, porém a relação de Lourival Batista Patriota, com o politico Miguel Arraes traria a Zeto um reconhecimento em Pernambuco.

> Eu sempre fui metida em política. Mas ai com Arraes a gente já tava junto, foi em 86 e Louro fez uns versos pra Zeto cantar no violão na convenção de Arraes. Ele fez eu acho que uns oito ou dez decassílabos que era pra Zeto cantar na convenção, e Zeto veio e terminou, num sei porque, terminou sem cantar, terminou sem o espaço pra cantar nessa convenção, ninguém conhecia Zeto ai. Era uma ligação muito mais minha com a coisa do pessoal de política de Arraes e ai Zeto tinha decorado os versos, na época ele tava cantando no night lá em Caruaru, no bar de Chico (Bia Marinho, 2015).

Zeto começou a se relacionar com o então candidato ao Governo do Estado de Pernambuco, através da influencia de sua esposa e do seu sogro que já tinha uma amizade de quarenta anos com Arraes.

> Tava cantando lá e ele começou cantar no bar essa música de Arraes da campanha e também foi assim, pai fez esses versos cada um terminava de um jeito e minha mãe pegou o segundo verso, segundo decassílabo terminava com um mote: volta Arraes ao Palácio das Princesas vai entrar pela porta que saiu, só o segundo. Cada um terminava de um jeito, ela disse assim, Louro esqueça o resto todinho e o mote é esse, você vai fazer tudo com esse mote, foi o que pegou na campanha. Ai Zeto decorou os versos e começou a tocar no bar. Então primo[7] viu Zeto cantando, ai ia ter um comício em Belo Jardim de Cintra Galvão na época e primo tinha alguma ligação com Cintra, num sei porque, e disse vou buscar Zé Antônio pra cantar nesse comício. E primo foi de carro lá em São José buscar Zeto pra cantar nesse comício. Quando Cintra que na época eu acho que era ou deputado ou prefeito de Belo Jardim, sempre teve um cargo Cintra Galvão enlouqueceu com Zeto ai disse você vai gravar pro guia, eu vou levar você pra você gravar pro guia. Ai Cintra trouxe Zeto pra o comitê de Campanha de Arraes e a quando o pessoal

[7] Edvaldo Ferreira da Silva, de alcunha primo. O mesmo sendo primo de Antônio José do Nascimento Filho.

> ouviu enlouqueceu. Ai Zeto gravou parece quatro versos ou cinco e ai depois quando ficaram esses quatro que soltaram na televisão que estourou, ai correram atrás de Zeto pra Zeto vim gravar mais, pronto, e desde dessa época, toda uma ligação de Louro com Arraes das Campanhas de Arraes" (Bia Marinho, 2015).

As eleições de 1986 para Governo de Pernambuco marca o retorno de Miguel Arraes à cadeira de Governador. Com o golpe militar de 1964, tropas do IV Exército cercaram a sede do governo estadual, o Palácio das Princesas. Foi-lhe proposto que renunciasse ao cargo para evitar a prisão. Com sua recusa, foi preso na tarde de 1º de abril. Libertado em 25 de maio de 1965, exilou-se na Argélia. Em 1979 com a anistia Miguel Arraes voltou ao Brasil e à política (Galeria dos Governadores).

"A influência desse grande líder político com a arte e a cultura era muito forte" (PATRIOTA, 1987, p.02), o que o aproximou do violeiro e repentista Lourival Batista Patriota, Louro do Pajeú, esse vinculo de amizade renderam a Miguel Arraes várias poesias criadas pelo poeta, destacando-se principalmente na campanha de 1986 a música tema da campanha com o "mote" que virou hino para o povo nordestino, os belos versos "Volta Arraes ao Palácio das Princesas, vai entrar pela porta que Saiu" foram entoadas na voz e na viola de Zeto durante o guia eleitoral.

> Então Louro conheceu Arraes em 1946, Louro conheceu Arraes e ai começou uma amizade. Quando foi 55 a primeira candidatura de Doutor Arraes a deputado Estadual, Louro já fez os versos da campanha de 1955, que Arraes sempre colocou cultura popular nas campanhas dele. E ai 55 Louro já fez os versos pra Campanha. Em 59 Arraes se candidatou-se a prefeito do Recife e Louro de novo fez a campanha de Arraes e Arraes foi eleito prefeito do Recife. Em 62 Arraes se candidata a governo do estado a primeira vez e Louro faz de novo a campanha no mote: quem foi um grande prefeito, será bom governador. E Arraes é eleito em 62. Em 64 vem o golpe e Arraes não renuncia Arraes não assina a renúncia e sai pela porta da frente. Por isso que em 79 vem à anistia ele volta. Em 82 ele é eleito deputado federal com versos de Louro de novo. Louro fazendo verso pra ele. Em 86 Louro naturalmente fez esses versos, só que ai Louro já era velho, Louro não foi ele que tomou a campanha, ai entra a figura de Zeto, em 86. (Antônio Marinho, 2015)

A música cantada por Zeto durante a campanha de Miguel Arraes toma grandes proporções, o deixando conhecido em diversos lugares, o que destacou sua carreira como poeta e músico.

> E ai isso toma conta da campanha porque ai quando viram era Zeto, quem é Zeto? esse poeta, é genro de Louro, os versos são de Louro,

> ai fudeu, ai Arraes tinha 50 anos de amizade, sabe, 40 anos de amizade de amizade em 86, foi 46. Então Arraes já tinha 40 anos de amizade, viu que era da casa de Louro, ai disarnou, e ai foi a grande questão da campanha, foi a grande onda porque vai entrar pela porta que saiu, vai entrar pela porta da frente, né isso era a grande dignidade de Arraes, tá voltando porque nunca deixou o poder do governo de Pernambuco, isso foi o grande mote. Ai saia a voz de Arraes entrava Zeto com a gota serena, ai isso foi a grande emoção da campanha de 86 e Arraes sai vitorioso de novo (Antônio Marinho, 2015).

LETRA DA MÚSICA DE MIGUEL ARRAES DE ALENCAR

I

NÃO COCHILA LEÃO SEMPRE EM VIGÍLIA
POBRE E MÉDIO SEM NOME EM DESESPERO
SE (ALGUNS) DEREM VOTOS A USINEIRO
NÃO DESEJAM CONFORTO PARA A FAMÍLIA

II

O VARENTO NABADO É UM SICÁRIO
NÃO SENTE A NUDEZ DO OPERÁRIO
A OPRESSÃO DESSA CLASSE ARRAES SENTIU
SUPORTANDO SEUS ATOS E TORPEZAS
VOLTA ARRAES AO PALÁCIO DAS PRINCESAS
VAI ENTRAR PELA PORTA QUE SAIU

III

NESTA TERRA PRECISA ESTÁ ALERTA
QUEM TEM OURO E GANÂNCIA PROPÕE GUERRA
OS DESMANDOS QUE HÁ EM NOSSA TERRA
NÃO É USINEIRO QUE CONSERTA
NÃO ESQUEÇA O QUE FEZ O JOSÉ LOPES
NÃO TENTEM INGERIR CRUÉIS XAROPES
QUE O POBRE DA CANA OS INGERIU
HOUVE MORTES, TORTURAS E VILEZAS
MOTE

VOLTA ARRAES AO PALÁCIO DAS PRINCESAS
VAI ENTRAR PELA PORTA QUE SAIU.

IV
PREVINAMOS O DIA DE AMANHÃ
RECORDEMOS O GOLPE TÃO CRUEL
SE A TERRA TEM LEITE, AÇÚCAR E MEL
PARA QUE TER MENDIGO EM CANÃÃ
COMO HONESTO E ELAL PASSOU NO TESTE
É O LÍDER EM PAR, AMA O NORDESTE
O SEU PRÉDIO TOMBOU, MAS NÃO CAIU
PARA O POBRE TER PÃO, CASA E MESA CONTINUA O “MOTE”

V
VOLTA ARRAES AO PALÁCIO DAS PRINCESAS
VAI ENTRAR PELA PORTA QUE SAIU.

VI
OPRESSOR NUNCA FOI PARA NINGUÉM
SERTANEJO DE FIBRA E ALMA LEAL
EU ME ESQUEÇO DE QUEM DESEJA O MAL.
SÓ RELEMBRO DE ARRAES, FAZENDO O BEM
POIS, JAMAIS OPRIMUI E NEM OPRIME
VIDA LIMPA, SEM FURTO, ÓDIO E NEM CRIME
ATO FEIO DE ARRAES QUEM FOI QUE VIU
SUA VOLTA TROUXE SÓ DEFESAS

<u>MOTE</u>
VOLTA ARRAES AO PALÁCIO DAS PRINCESAS
VAI ENTRAR PELA PORTA QUE SAIU

VII
ELEITORES PARA NOSSAS ALEGRIAS
COM AMOR, FIRMEZA E UNIÃO

A VEZ DE FAZER VINGULAÇÃO
DE ARRAES MANSUETO DE FARIAS
O FARIAS É DIGNO E DEMOCRATA
MANSUETO É ALMA SEMPRE GRTA
ESSA DUPLA, A ARRAES BEM SE UNIO
CONSTITUINTES QUE VÃO PROVAR NOBREZAS

MOTE
VOLTA ARRAES AO PALÁCIO DAS PRINCESAS
VAI PELA PORTA QUE SAIU

VIII
SOU AMIGO DE ARRAES A QUARENTA ANOS
DEDE DO TEMPO QUE ERA SECRETARIO
PROTETOR DO ARTISTA E DO OPERÁRIO
SEM NEGAR OS DIREITOS MAIS HUMANOS
HONESTIDADE EM PAR HONRA SEGURA
COM VALORES DA TERRA SE UNIU
SEMPRE AO LADO DAS CLASSES INDEFESAS

MOTE
VOLTA ARRAES AO PALÁCIO DAS PRINCESAS
VAI PELA PORTA QUE SAIU.

Música composto no dia 12 de julho de 1986 em São José do Egito por Lourival Batista Patriota (LOURO DO PAJEÚ) e José Antônio do Nascimento Filho (POETA ZETO)

O poeta Zeto chegou a sua notabilidade depois de cantar a música de campanha de Miguel Arraes de Alencar em 1986:

> O Zeto do Pajeú, que ganhou fama quando, depois do golpe de 64, Miguel Arraes voltou ao Brasil e venceu as eleições para governador de Pernambuco, em 1986. O protesto contra os militares que destituíram e exilaram Arraes ecoou na voz e na viola de Zeto: "Volta Arraes ao Palácio das Princesas, vai entrar pela porta que saiu". Esses versos foram repetidos inúmeras vezes do Sertão ao cais e se

> tornaram o símbolo do retorno de Arraes à cadeira de governador (LEITÃO, 2012, p. 01).

Depois de ter um reconhecimento nacional, “Zeto foi convidado por Miguel Arraes para trabalhar no Estado, mas ele não aceitou”.



Fig.1 - Imagem do Blog Cantigas e contos. Memória: Zeto, o poeta de Arraes, por Gilberto Lopes.

A imagem acima mostra um encontro entre Zeto, Miguel Arraes e Louro do Pajeú, no ano de 1986. De acordo com sua irmã, a poetiza Maria das Graças do Nascimento (2014), Miguel Arraes passava horas ouvindo os versos de Zeto e de Louro.

3.6 Morte de José Antônio do Nascimento Filho

Zeto, a exemplo de outros artistas, foi um homem que viveu intensamente, “não deixou de fazer nada que quis, fez o que quis na vida”.

> Zeto nunca se deixou pra depois. A não ser que ele quisesse deixar pra depois. Ele só obedeceu o coração e quando a gente obedece só ao coração e a alma, o corpo não acompanha claro, se agente não se submeter a algumas mediocridade que a vida nos exige pra durar um pouco mais e pra realizar algumas coisas, mas Zeto essa realização dele foi essa forma de vida, essa forma de viver, né? Alternativa mesmo (Antônio Marinho, 2015).

Já com algumas debilitações, “Zeto saiu de São José do Egito e passou em Sertânia, onde antes de ir pra Canhotinho fez o soneto dos elefantes” (Bia Marinho, 2015). Com isso, “ele foi pro quarto onde nasceu” (Antônio Marinho, 2015). “Ele não voltou só pra Canhotinho, ele voltou pra mesma casa” (Bia Marinho, 2015).

Quando Zeto chegou em sua terra natal, foi montada em sua casa uma UTI, onde o então prefeito do município, o senhor Carlos Alberto Gomes de Amorim colocou uma enfermeira de prontidão para atender suas necessidades. Segundo ela:

> Ele só deixava eu puncionar as veias dele, até porque só eu conseguia puncionar. Eu dormi lá muitas vezes. Carlos Amorim era prefeito e me tirou do hospital pra eu ficar só cuidando dele [...] Zeto dormia com a cabeça no meu colo, que eu tinha medo que ele asfixiasse com a secreção [...] Passei 15 dias cuidando dele, em seguida ele foi a óbito (Maria do Socorro Matos, 2015).

Até nos seus últimos dias de vida, Zeto assumiu um ponto de vista ideológico em relação a sua escolha.

> Tanto que quando ele resolveu morrer, ele fez uma escolha. Ele sabia se fizesse assim, assim, assado ele não morria. E se ele fizesse assado, assado e assim, ele morria e ele resolveu fazer assado, assado, assim e olhava pra gente e dizia: eu tô cansado. Então até na hora da morte ele fez essa dignidade de escolher (Antônio Marinho, 2015).

Ainda sobre os seus últimos momentos de vida:

> E na hora que Zeto morreu a gente lá no hospital em Palmares Zeto andou até cinco minutos antes, morreu totalmente consciente. Ele levantava da cama, ai ficava muito cansado, acho que doía alguma coisa, ai ele não aguentava mais, ai se deitava, ai cansava, mesmo com o balão. Ai se levantava, ai arrudiava, ai chegava perto de dona Mêrces e fazia bença mainha, sabe. E chegava perto de mim e dizia: cheiro Biata. Ai me dava um cheiro. Ai falava com as meninas que tava lá, sentava e daqui a pouco levantava de novo e dizia, bença mainha, ai me dava outro cheiro, o tempo inteiro (Bia Marinho, 2015).

“Até que chegou uma hora em que ele deitou-se” (Bia Marinho, 2015) “tirou o oxigênio” (Antônio Marinho, 2015), “olhou tudo pra gente e com uma mão segurando aqui em cima, não levantou mais e esperou chegar a hora sabe. E Dona Mercês, abençoando o ele o tempo inteiro”, dizia: “Deus te abençoe, meu filho. Zé recebe assim, o tempo todo. Na hora da partida dele mesmo, ela começou a cantar, segura na mão de Deus” (Bia Marinho, 2015).

José Antônio do Nascimento Filho não teve uma vida longa, faleceu “às 16:00 horas do dia 15 de outubro de 2002, aos 46 anos. O poeta Zeto do Pajeú, como era conhecido deu seu último suspiro e partiu para eternidade” (LEITÃO, 2012, p. 01).

De acordo com sua irmã, Greisse Maria do Nascimento (2014):

> Acometeu-se de uma cirrose que perdurou algum tempo. Não suportava médico, nem remédios, nem hospital. Optou por ficar na casa de mamãe (pois o nosso pai já morrera), nos seus últimos dias. No dia em que veio a falecer necessitava enormemente de um hospital e a nossa mãe optou traze-lo para Palmares, onde residia e trabalha a sua neta, Doutora Carol. Assim fez. Ele ficou no hospital Menino Jesus, onde faleceu ao anoitecer, ainda dizendo bem baixinho “bença mamãezinha”.

O Jornal do Commercio no dia 16/10/2002, publica a morte de José Antônio do Nascimento Filho da seguinte forma: “Morre o compositor Zeto, do Pé de Serra”.

> Morreu ontem, em Palmares, de complicações no fígado, o cantor e compositor José Antônio do Nascimento Filho, cujo nome artístico era Zeto. Ele ficou conhecido quando participou da campanha do programa eleitoral de Miguel Arraes; em 1986, improvisando em cima do mote “Arraes vai entrar pela porta que saiu”.

Foi um sepultamento de artista lindo de poesias. Seu filho Marinho já poeta, a família de Bia, os amigos do sertão. Envolvendo o seu caixão a bandeira do PCB (Greisse Maria do Nascimento, 2014):

> No seu enterro, em Canhotinho, tendo como testemunhas parentes, amigos, filhos, poetas e bêbados, o filho Antônio Marinho declamou versos de Augusto dos Anjos e a companheira Bia Marinho foi buscar nos versos de Vinicius de Moraes a senha para a despedida: "Eu sei que vou te amar, por toda a minha vida eu vou te amar, a cada despedida eu vou te amar....". Terminava assim, de forma precoce, a história de um homem que dedicou toda a sua vida à música e à poesia. (LEITÃO, 2012, p. 01)

Quando Zeto morreu, seus dois filhos ainda eram adolescentes. O que acarretou em uma preocupação da sua esposa, Bia Marinho, como relata Antônio Marinho:

> No começo é difícil, eu tinha 15 anos, Miguel tinha 9, então uma hora o pai vai fazer falta pra uma pergunta, alguma coisa. Como eu disse, Miguel tinha 9 anos, ai Bia foi bem preocupada falar com ele, painha, mais painha tá olhando por a gente lá no céu. Ai ele disse, oh mãe,

> painha me deu tanto amor na vida que vai dar pra vida toda. (Antônio Marinho, 2015)

Apesar da dor da perda de Zeto, a família sempre foi muito unida.

> Porque nós sempre tivemos muito amor, Bia sempre foi pai e mãe, Zeto sempre foi pai e mãe, minha vó sempre foi pai e mãe, os tios da gente lá em casa sempre foi pai e mãe, então a família é muito junta, é muito grudenta, a gente sempre teve muitas referências, então amor não nos faltaria, mesmo que tivesse só o dele, o que ele deu durante a vida. Tinha Greg mais velho, Miguel tinha a mim e tinha a Greg e todos nós tínhamos a Bia que foi e é uma mãe que não deixa faltar nada, nem de um lado nem de outro, então teve muita saudade, mas ele nunca saiu do meio da gente não. (Antônio Marinho, 2015)

E mesmo tendo passado algum tempo da sua morte, Zeto ainda continua presente na vida dos seus familiares.

> Parece que ele é mais presente depois que foi, porque ante pra você notar presença ele teria que tá fisicamente né? E depois que ele foi ele tá o tempo inteiro sem precisar tá, nas fotos, nas paredes, na música, em todo canto, na cabeça e no palco. (Antônio Marinho, 2015)

Além de está presente depois desse tempo, Zeto serve como modelo de identificação para os filhos.

> Zeto é a influência da gente. Zeto é o legado de Zeto, é a história de Zeto, atitude de Zeto, do que Zeto deixou junto com Louro com esse povo todo, é essa a história que a gente conta no encanto e poesia, então Zeto é simplesmente o norte total, o direcionamento do trabalho da gente e da vida. Se eu for metade do homem que meu pai foi, eu tô muito satisfeito, tinha muito integridade e caráter. (Antônio Marinho, 2015)

A morte precoce de Zeto, em um momento em que ele havia atingido a fama, fez com que muitas pessoas procurassem explicações para tal fato. Como relata Bia Marinho:

> Às vezes me perguntam de que Zeto morreu. Eu digo Zeto morreu de viver, morreu de viver. Porque tudo ele viveu intensamente, tudo que era perigoso pra ele, então morreu de viver. Ele viveu demais, ele não dividiu, mas ele viveu intensamente.

Ainda sofrendo com a morte precoce do seu filho, Maria das Mercês Araújo do Nascimento, escreveu no dia 26 de 2003 um texto, expressando um sentimento de saudade constante em sua vida.

> Meu Deus, so tu pães sabis do meu coração como é ferido com a morte do meu filho jose antonio, como todos os que mi vem pensão que não tem ferida no meu coração si eu riu e ele si choro e ele si sorfro e ele que está no pensamento como e triste ir a missa como presizo ser forte para não passa chorando todo tempo mais hoje sabe que tem homenagem para fimslucrativo que eu sou totalmente contra pois tudo que presizas e reza e missa, mais cada um tem o seu jeito meu filho que Deus te protega e te cubra da grassa divina e que la nu ceu tu esteja tocando para os anjos e santos canta para eles pois eles são tua guada e teu conforto (Greisse Maria do Nascimento, 2014).

Logo depois a irmã do poeta Zeto, a poetiza Maria das Graças do Nascimento buscou na poesia fazer uma homenagem ao seu irmão.

Homenagens a Zeto

(Graça Nascimento)

Com golpadas de dor ensanguentada
Colocavas pra fora em despedida
O restante da ânsia desvairada
Que foi sempre constante em tua vida

Tua alma inquieta e asfixiada
Ansiava o momento da partida
Para enfim respirar aliviada
E dar continuidade a tua vida

Vi assim teu irmão ires embora
Para olhos comuns fora de hora
Prematura e antecipadamente

Mas na mágica lei da poesia
Tudo tinha que ser naquele dia
E do jeito que foi... exatamente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

> (...) uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu. A pedra de toque é a leitura crítica, a interpretação fiel, a busca do significado que transcende aquela biografia: é o nosso trabalho, e muito belo seria dizer, a nossa luta.
>
> Éclea Bosi

Procuramos ao longo deste trabalho, desenvolver uma analise sobre a vida de José Antônio do Nascimento Filho, neste trabalho abordamos fatos vividos por Zeto, durante sua vida, com isso analisamos esses fatos desde sua infância, a fase adulta, carreira artística e por fim sua morte e percebemos o quanto Zeto foi importante para a sociedade onde viveu, seu legado é levado através de seus filhos e amigos que ate hoje são influenciados pela voz de Zeto apesar de seu físico não existir mais, São José do Egito mantem vivo a imagem do poeta que viveu, respirou e amou a poesia e que sempre tratou a arte como o seu maior bem precioso e a respeitou ate o seu fim.

Em linhas gerais essa pesquisa é de suma importância, para nós que fazemos parte da sociedade de Canhotinho visto que o nosso biografado é filho da terra e não há registros dele em nossa cidade, então o trabalho trará a tona a figura de Zeto como homem e parte integrante da sociedade, e a vida de artista que muitos desconhecem.

Zeto nos deixou uma mensagem de que é preciso viver a vida intensamente, mesmo sabendo que um dia tudo se acabará.

Não há dúvidas de que Zeto foi um personagem inseparável da cultura pernambucana. Foi um poeta, músico, compositor, declamador, ator, pintor e escultor, além de pai e um grande amigo. Onde em todas essas funções ele representou muito bem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Miguel Arraes de. **Galeria dos Governadores.** Disponível em: http://www.pe.gov.br/governo/galeria-de-governadores/miguel-arraes-de-alencar/. Acesso em: 26/12/2014.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia:** a Escola dos Annales 1929-1989. Tradução Nilo Odália. – São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CAVALCANTI, Maria Raquel Ferreira; MATOS, Isabel Gomes da; SILVA**,** Antônio Dourado. **100 anos de história e memória.** 2011.

CHAGAS, Ana. **O mito da Inferioridade da mulher**. Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann. São Paulo, 2008. Disponível em: www.marxists.org/portugues/reed-evelyn/1969/05/09.htm. Acesso em: 20/01/2015.

DEL PRIORE, Mary. **Biografia:** quando o indivíduo encontra a história. Topoi, v.10, n.19, jul-dez, 2009. Disponível: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/25/res04_25.pdf: Acesso em: 10/07/2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Desafios e dilemas da história oral nos anos 90:** o caso do Brasil. História Oral, São Paulo, nº 1, p.19-30, jun, 1998.

_____. **História, tempo presente e história oral.** Topoi, v.10, n. 19, jul-dez. 2009.

FILHO, José Adilson. **Os caminhos de Clio.** Interfaces de Saberes. Caruaru, vol.1, N.2, Jan/Jul. p. 102. Ideia, 2001.

FONSECA, Antonio Cesar Lima da. **O nome dos cônjuges no novo Código Civil.** Artigo publicado em 05/2003. Disponível em: http://jus.com.br/artigos/4026/o-nome-dos-conjuges-no-novo-codigo-civil. Acesso em 26/12/2014.

FRANÇOIS, Etiene. A fecundidade da história oral. In: **Usos e abusos da história oral.** 5ª ed Rio de Janeiro: FGV, 2002.

JÚNIOR, Rafael Felício. **O direito da placenta**. Publicado em 06 de 2009. Disponível em: http://www.jus.com.br/artigos/12951/o-direito-sobre-a-placenta, Acesso em: 26/12/2014.

LEITÃO, Ítalo Rocha. **Jornal do Commercio:** A memória de Zeto do Pajeú. SAB, 01/12/2012 - 08:49 ATUALIZADO EM 01/12/2012 - 12:33. Disponível em: http:/jornalggn.com.br/blog/luisnassif/a-historia-do-poeta-zeto-do-pajeu. Acesso em: 27/12/2014.

LIMA, Jair Bontempo de. A poesia: sociedade, leitura, interpretação e ensino. **Revista Ícone** - Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Vol 09. Janeiro de 2012 – ISSN 1982-7717 P.38. Disponível em: http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume9/APoesiaSociedade,Leitura,InterpretacaoeEnsino.pdf. Acesso em: 29/12/2014.

LOPES, Gilberto. **Cantiga e contos: Zeto, poeta andarilho adotado pelo Pajeú**. Quinta-feira, 4 de abril de 2013 às 09:09. Disponível em: http://cantigasecantos.blogspot.com.br/2013/04/poesia-zeto-poeta-andarilho-adotado.html. Acesso em: 11/01/2015.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e Estilos de pesquisas na história oral contemporânea. In: **Usos e abusos da história oral.** 5ª ed Rio de Janeiro: FGV, 2002.

MEDEIROS, Mário; VELOZO, Thyale de Vasconcelos. Ressocialização de Apenados... Revista Diálogos n.° 5 – **Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade** – UPE/Faceteg – Garanhuns/PE – 2011. Disponível: http://www.revistadialogos.com.br/Dialogos_5/Mario_e_Thyale.pdf. Acesso em: 04/02/2015.

OLIVEIRA, Edileusa Santos. **Resenha do Livro: BURKE, Peter. A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, 153 páginas. Tradução Nilo Odalia.

PATRIOTA, Lourival Batista. **A vitória de Arraes e o Grito de Alerta** (versos de campanha). Uma edição da livraria Síntese, Recife 1987.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história Cultural.** 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PIOVESAN, Greyce Kely. Biografia, Trajetória e História. In: **IV Encontro Regional Sul de História Oral**. Florianópolis, 2007. p. 4/5. Anais eletrônicos do IV Encontro Regional Sul de História.

PIRES, Iano. **Postagem populares. Zeto – O Andarilho**. Disponível em: http://lanopires.blogspot.com.br/2011/07/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x.html; Acesso em: 11/01/2015.

PORTNER, Martin Raimar. **A senha da virilidade**. Editora AGE, 1996.

SANTANA, Ana Lucia. **Poesia**. Info Escola. São Paulo, 1996. Disponível em: http://www.infoescola.com/literatura/poesia/. Acesso em: 27/12/2014.

SCHMIDT, Benedito Bisso. Construindo biografias...Historiadores e Jornalistas: aproximações e afastamentos. IN: **Estudos Históricos.** nº 19, Rio de Janeiro. Editora FGV/CPDOC, 1997.

SILVA, José David da, 1926 – **Reminiscências:** minha terra, minha gente: Canhotinho. Recife: Ed. do Autor, 2006. 193p.il.

SILVA, Semíramis Corsi. **O historiador e as biografias:** desafios, possibilidades e abordagens de trabalho. Disponível em: http://www.historiaimagem.com.br/edicao14abril2012/biografias.pdf. Acesso em: 10/12/2014.

SOUZA, Cristiano Oliveira de. **A utilização da imagem como representação cultural passível de uma análise histórica:** uma abordagem culturalista. Disponível em: http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab/h1_2.pdf. Acesso em: 20/06/2014.

SOUZA, Maria da Conceição dos Anjos. **Resgate da memória histórica do Município de Canhotinho - PE.** Monografia apresentada ao curso de Especialização em Ensino de História. Universidade de Pernambuco - Campus Garanhuns, 2004.

THOMPSON, Poul. **A Voz do Passado**. SP: Paz e Terra, 1992.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal. **Arquivos: propostas metodológicas.** Usos e abusos da história oral. 5ª ed Rio de Janeiro: FGV, 2002.

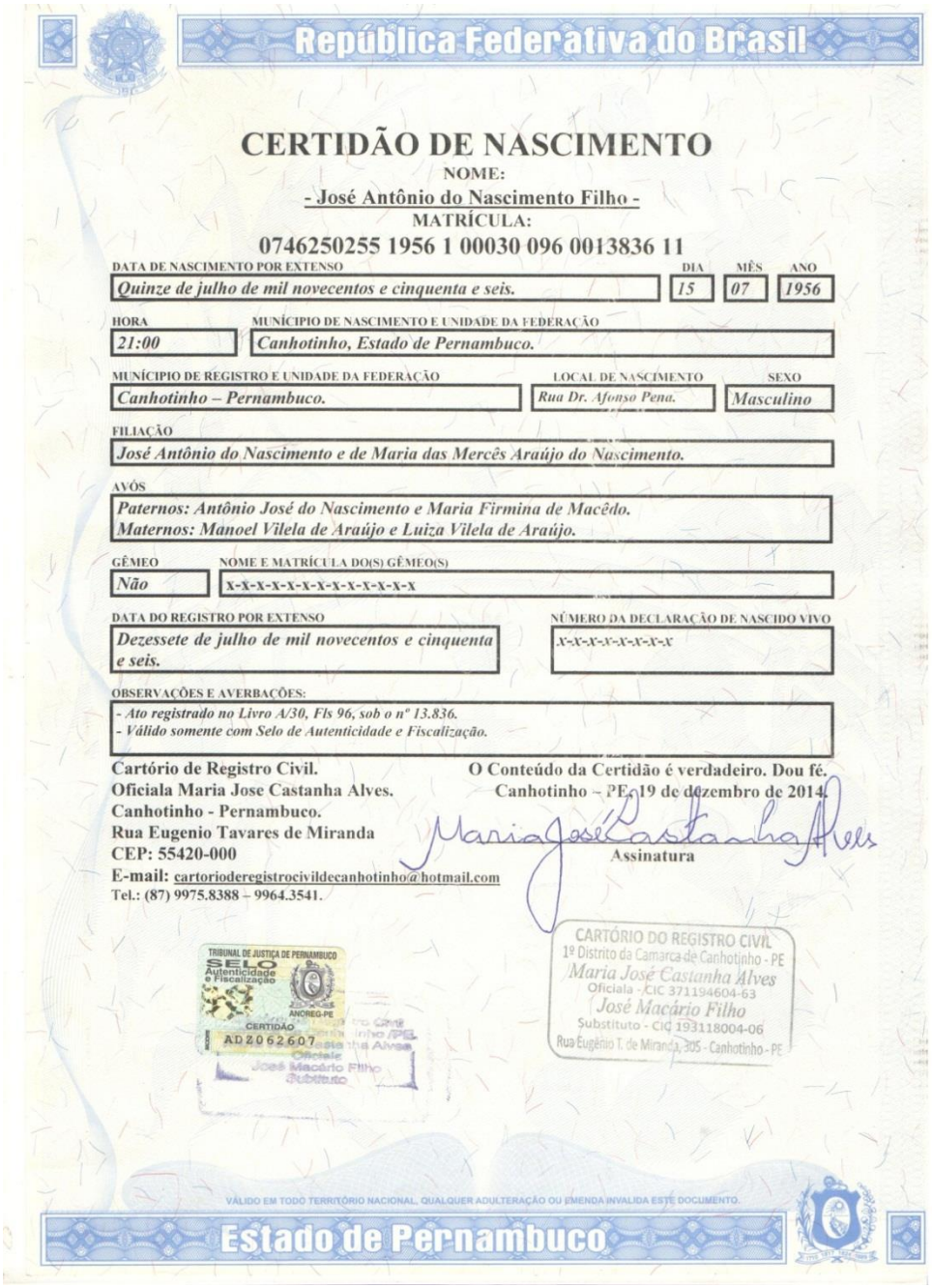
WIKIPEDIA. **Canhotinho**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Canhotinho**.** Acesso em: 03/01/2014.

ANEXO A



Fig. 2 Imagem do Blog Cantigas e contos. Memória: Zeto, o poeta de Arraes, por Gilberto Lopes.

ANEXO B



República Federativa do Brasil

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

NOME:

- José Antônio do Nascimento Filho -

MATRÍCULA:

0746250255 1956 1 00030 096 0013836 11

DATA DE NASCIMENTO POR EXTENSO: Quinze de julho de mil novecentos e cinquenta e seis. | DIA: 15 | MÊS: 07 | ANO: 1956

HORA: 21:00 | MUNICÍPIO DE NASCIMENTO E UNIDADE DA FEDERAÇÃO: Canhotinho, Estado de Pernambuco.

MUNICÍPIO DE REGISTRO E UNIDADE DA FEDERAÇÃO: Canhotinho – Pernambuco. | LOCAL DE NASCIMENTO: Rua Dr. Afonso Pena. | SEXO: Masculino

FILIAÇÃO: José Antônio do Nascimento e de Maria das Mercês Araújo do Nascimento.

AVÓS: Paternos: Antônio José do Nascimento e Maria Firmina de Macêdo.
Maternos: Manoel Vilela de Araújo e Luiza Vilela de Araújo.

GÊMEO: Não | NOME E MATRÍCULA DO(S) GÊMEO(S): x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

DATA DO REGISTRO POR EXTENSO: Dezessete de julho de mil novecentos e cinquenta e seis. | NÚMERO DA DECLARAÇÃO DE NASCIDO VIVO: x-x-x-x-x-x-x-x-x

OBSERVAÇÕES E AVERBAÇÕES:
- Ato registrado no Livro A/30, Fls 96, sob o nº 13.836.
- Válido somente com Selo de Autenticidade e Fiscalização.

Cartório de Registro Civil.
Oficiala Maria Jose Castanha Alves.
Canhotinho - Pernambuco.
Rua Eugenio Tavares de Miranda
CEP: 55420-000
E-mail: cartorioderegistrocivildecanhotinho@hotmail.com
Tel.: (87) 9975.8388 – 9964.3541.

O Conteúdo da Certidão é verdadeiro. Dou fé.
Canhotinho – PE, 19 de dezembro de 2014.

Assinatura

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO SELO Autenticidade e Fiscalização ANOREG-PE CERTIDÃO AD2062607

CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL
1º Distrito da Camarca de Canhotinho - PE
Maria José Castanha Alves
Oficiala - CIC 371194604-63
José Macário Filho
Substituto - CIC 193118004-06
Rua Eugênio T. de Miranda, 305 - Canhotinho - PE

VÁLIDO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL. QUALQUER ADULTERAÇÃO OU EMENDA INVALIDA ESTE DOCUMENTO.

Estado de Pernambuco

Fig. 3. Certidão de Nascimento de José Antônio do Nascimento Filho (Zeto), documento cedido pelo Cartório de Registro Civil, Rua Eugenio Tavares de Miranda, Canhotinho – PE, 19 de dezembro de 2014 - Acervo da pesquisa.

ANEXO C



Garanhuns
PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
CNPJ: 10.140.424/0018-53
E-mail: paroquiaconceicao1881@hotmail.com / **Rua Eugênio tavares de Miranda - 341**
Centro - Canhotinho/PE
Fone: (87)3781-1400

Lembrança de Batismo

Certifico que aos 12 de outubro de 1956, na Igreja Matriz da PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, Garanhuns, o celebrante Pe. Pedro Barros batizou solenemente a:

José Antônio do Nascimento Filho

Nascido no dia 15 de julho de 1956, filho de José Antônio do Nascimento e de Maria das Mercês Ananjo Nascimento, tendo sido padrinhos Pedro Francisco Moura e Maria de Loudes Moura.

, Centro
CANHOTINHO-PE, Cx. Postal: , CEP.: 55420-000 paroquiaconceicao1881@hotmail.com

Fig. 4. Lembrança de Batismo, cedido pela Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, localizada na Rua Eugenio Tavares de Miranda, 341, 19 de dezembro de 2014. - Acervo da pesquisa

ANEXO D



Fig. 5. RG de José Antônio do Nascimento Filho (Zeto) fornecido pela sua esposa, Maria Beatriz Marinho Patriota do Nascimento, na sua residência na Rua Real da Torre, 818, apto 202, Madalena, edf. Vivenda das Palmeiras. Fotografia: Bruno Diego Silva Cavlcanti - Acervo da pesquisa.

APÊNDICE I



Fig. 6. Entrevista com Cícera Balbina da Silva, no dia 23 de dezembro de 2014, na Rua Airton Sena, Canhotinho – Pernambuco. Fotografia: Katia Maria do Nascimento - Acervo da pesquisa.

APÊNDICE II



Fig. 7. Entrevista com Greisse Maria do Nascimento, no dia 26 de dezembro de 2014, na policlínica Palmares, Catende – Pernambuco. Fotografia: Secretária da policlínica - Acervo da pesquisa

APÊNDICE III



Fig. 8. Entrevista com a esposa e os filhos de Zeto: Maria Beatriz Marinho Patriota do Nascimento, Antônio Marinho do Nascimento, Pablo Gregório Marinho Patriota Passos e Miguel Adélio Marinho do Nascimento. Recife – Pernambuco. Entrevista foi realizada na sua residência na Rua Real da Torre, 818, apto 202, Madalena, edf. Vivenda das Palmeiras. - A entrevista contou com a presença do nosso professor/orientador Edson Leandro de Almeida. Fotografia: namorada de Miguel Adélio Marinho do Nascimento - Acervo da pesquisa.

APÊNDICE IV



Fig. 09. Casa de José Antônio do Nascimento Filho (Poeta Zeto), localizada na Rua Dr. Afonso Pena em Canhotinho – PE.

APÊNDICE V

Entrevista com Cícera Balbina da Silva

Como foi a infância dele?

Sabe que não sei dizer, não me lembro da,da como é? Da infância dele muito não. É muita gente não sabe, os irmão tudinho, ai que mais meu Deus?

Como era ele?

Ele era uma pessoa maravilhosa né, uma pessoa bacana, só que ele era uma pessoa bacana, depois ele foi crescendo, crescendo né, e foi depois ficou um pouco doente, ai ficou um pouco doente e agente ficou preocupado com ele depois ele começou a beber ai depois faleceu, ai todo mundo tava ao lado dele quando ele morreu, ai foi simbora a mãe, ai foi simbora ele ai fica muita coisa na cabeça da gente né?

Como era a relação dele com os irmãos?

Se dava muito bem com tudinho, com tudinho era uma família bacana, os irmãos tudo se dava bem um com o outro.

Ele já despertava algum gosto pela poesia na infância?

Já, ele já falava muito era ele e outro Antônio José.

Quais eram os amigos de infância dele?

Não lembro bem não, tu te lembra? Risos

Sim de caruaru um amigo que ele gostava muito?

Katia - “Tu não lembra não com quem ele brincava? lembra não aqui em canhotinho os amiguinhos dele quem é? Antônio José nasceu depois, ai ele brincava ele graça quem mais?

“Katia” que idade ele foi daqui pra caruaru tu lembra?

Acho que foi na adolescência, acho que foi na faze da adolescência, mainha foi pra caruru e ele? então ele foi criança né por isso tu não lembra muito? oxe muito tempo né.

Como ele era na escola?

Era estudioso bacana, ele era bacana bom no Colégio de tudo la nera ? com os amigos com os colegas tudinho ne, ele não gostava de briga nem nada , era no canto dele queto, diz mais Katia puxa alguma coisa ai, tu sabe mais coisa do que eu né.

Como era a relação dele com os pais?

Era a mesma coisa tudo tranquilo, a vida dele era bacana.

Como era a relação dele com a senhora?

Ave Maria era bom demais era pra lá e pra cá.

APÊNDICE VI

Entrevista Greisse Maria do Nascimento

José Antônio do Nascimento Filho apelidado por Zeto, pela irmã mais velha Greisse, que perdurou até a sua fase adulta e até como nome artístico era também chamado na intimidade da família por Totonho. Os pais sempre o chamaram de Zé Antônio.

Foi muito esperado, pois antes dele nasceram cinco mulheres: Greisse, Iale, Gracinha, e as Gêmeas que vieram a óbito, Maria das Graças e Maria do socorro.
Nasceu em casa (como era de costume da época), na Rua José de Souza Monteiro 275 em Canhotinho – PE. O parto feito por Dr. Teófilo de Holanda (único médico do município).

Uma curiosidade é que quando o parto iniciava o nosso pai cavava no quintal um buraco onde era enterrada a placenta.

A festa da chegada de Zeto foi grande, o cachimbo como chamava-se a mistura do mel com a cachaça, era preparado com antecedência e enterrado em cocos, furados bem fechados por meses. Servia-se também licores de vários sabores, produzidos artesanalmente.

Zeto era um menino tranquilo e sem grandes ciclos de amizades, pois naquela época a educação era muito rigorosa em relação a horários, saídas de casa e nossa mãe era rigorosa em relação a sempre conservar os filhos mais em casa.
Aos cinco anos mais ou menos, Zeto foi para caruaru onde estudou no colégio Diocesano.

Quando tinha uns catorze ou quinze anos começou a tocar violão por conta própria nunca teve professor. Sempre foi desde pequeno um ser humano muito agradável e cativante, tratava a todos com carinho e sempre teve muita fé em Deus.
Os nossos pais eram muitos católicos e ele herdou este lado, a missa dominical era obrigatória e nos trazia muito prazer.

Já adulto casado com Bia (segundo casamento) pai de Marinho e de Miguel, deste casamento morando em São José do Egito, meio dia em ponto (presenciei várias vezes) ele ligar para nossa mãe pedindo a benção. “benção mamãezinha”.
Serviu ao exército no Recife. Fugia várias vezes do Quartel (não suportava trabalho formal)

Odiava avião. Lembro de um dia que precisava participar de um evento político do PCB no Rio de Janeiro e no aeroporto dos Guararapes desistiu. E quando desistia nada, nem ninguém, mudava sua opinião.

Não gostava de emprego público. Foi convidado por Dr. Gustavo Crause (quando secretario da fazenda) para assumir um cargo, não aceitou. Papai que era funcionário da época da Secretaria da Fazenda ficava doente. Não adiantava, ele era de decisões fortes.

O seu primeiro casamento foi com uma jovem moradora de Olinda chamada Niedja. Era um grande amor. Eles moravam na casa dos pais dela que adoravam Zeto. Tiveram um filho Hugo. Ele era apaixonado pelos dois: mãe e filho.
Asua vida era de andarilho, viola debaixo do braço, poesia na ponta da língua, voz entoada e bela e para regar este clima a bebida e o cigarro.

Acometeu-se de uma cirrose que perdurou algum tempo.

Não suportava médico, nem remédios, nem hospital.

Optou por ficar na casa de mamãe (pois nosso pai já morrera), nos seus últimos dias.

No dia que veio a falecer, necessitava enormemente de um hospital e a nossa mãe optou por trazê-lo para Palmares, onde residira e trabalhava a sua neta Dra. Carol. Assim fez. Ele ficou no Hospital Menino Jesus onde faleceu ao anoitecer ainda dizendo bem baixinho “bença mamãezinha”

Foi um sepultamento de artista, lindo de poesias. Seu filho Marinho, já poeta, a família de bia e amigos do sertão. Envolvendo no caixão a bandeira do PCB.
Zeto era fã e admirador de Dr. Arraes a sua canção, entoada na janela do Palácio Campo das Princesas, ficou na história.

APÊNDICE VII

Roda de conversa com a família de Zeto: Maria Beatriz Marinho Patriota do Nascimento, Antônio Marinho do Nascimento, Pablo Gregório Marinho Patriota Passos e Miguel Adélio Marinho do Nascimento.

- Eu conheci Zeto em abril de 86. Eu fui convidada pra ir cantar no aniversário da Voz da Unidade que era uma revista do Partido Comunista e nós erámos simpatizantes, a gente nem se conhecia e ele trabalhava e cantava num bar aqui no Recife, no La Bouche, que era de Chico, que era uma pessoa que era do Partido. E ai ele foi cantar numa feijoada, no aniversário, em alguma coisa que teve do Partido e Guri que era uma pessoa muito ligada ao Partido Comunista convidou Zeto, disse: Zeto, a gente tá indo pra São Paulo, contou uma história assim, assim. Aniversário da voz da unidade, bora quer ir com a gente, tem transporte e tem um alojamento, certo e vocês banca alimentação e Zeto foi e eu fui com o pessoal do Partido lá de Garanhuns com Marcos e Emília. (Bia Marinho)

- Quando a gente tava chegando de tarde, perto da Católica, não lembro mais o local certo, que era a cede do Partido, tava se organizando, ônibus chegando, esperando os outros chegarem, e ai eu tava com duas amigas, Carmita que é madrinha de Greg e a irmã dela que tava indo nessa viagem também, e aí a gente saiu pra ir ali no Bompreço pra comprar umas coisa pra lanche pra viagem quando a gente ia saindo Zeto ia chegando de viola nas costas, ai Alcina disse assim: eita Maria Bia já tem quem toque pra tu cantar na viagem, sabe, ai passou. A gente foi comprar, voltou, quando voltou não encontramos Zeto no ônibus, todo mundo já se organizando, todo mundo já tá no ônibus bem prontim e que era dois ônibus, quando já ia partir daqui a pouco abre a porta e Zeto entra com a viola, ai ele disse: oh é o seguinte pessoal tem um ônibus com umas pessoas mais lordes, mais engravatadas, eu tava nesse ônibus. Era um ônibus com ar-condicionado, o da

gente era os acanaiados. E ai chegou uma pessoa mais lorde e perguntaram se eu não fazia questão de trocar e eu tô vendo que vim pro canto certo. Quando ele chegou, ele viu que já tava a folia. E ai ficou nessa história e a gente terminou saindo a noite do Recife. (Bia Marinho)

-E ai, ele começou a tocar, uma farra. E eu tava mais na frente, assim, eu e Carmita e eles lá atrás na cozinha, na farra, e começaram a tocar. Ai depois a Emilia chega cá Maria Bia canta uma música aqui, num sei o que, ai eu fui lá pra trás. Ai cantei, tava assim no auge de volta pro aconchego, ai foi a primeira música que eu cantei Zeto me acompanhando, de volta pro aconchego. (Bia Marinho)

- Ah, eu soube que você é de São José do Egito, ai começou a falar: Você conhece Branco? (porque é meu irmão) filho de Lourival Batista. Conheço. Você conhece Jó Patriota? Lourival Batista? (que é meu tio, meu pai, né?) eu digo conheço, conheço tudim. Ele disse pronto, porque eu conheci umas coisas desse pessoal na casa de grapiuna, de Ésio Rafael, que é um amigo. Ah, meu amigo também! Ah, Você conhece? Conhece? É. Ai ficou aquela conversa e eu não disse a Zeto quem era meu pai. E rolou, a gente foi bem agradável, assim. (Bia Marinho)

- Eu sei que no outro dia de manhã ele chegou e disse assim: você me conquistou! Eu disse porque? Porque você não disse: é pai, é num sei o que. Porque geralmente quando conhece Louro? É pai, não disse né? Eu digo pronto, mais já era embromação pra se encostar. (Bia Marinho)

- E ai eu já tinha falado com ele sobre Greg, sei que na volta eu comecei já, esse rapaz é muito comportado, ai eu comecei ver se dava pra ele entender alguma coisa, tomava uma atitude, ele nada. Eu depois disse: Zeto eu já não aguentava mais dor no pescoço, dormindo, agora ele se apossou da cadeira de Carmita e viajou junto comigo. Eu dormia, fazia que tava dormindo esticava tanto o pescoço, ver se ele ficava cheirando meu pescoço e não tinha jeito. E, mas ele doido pra fazer e com medo de chegar também né? A fama da mulher sertaneja. (Bia Marinho)

- Eu sei que chega em Minas, em Minas a gente almoçou. E na cidade Glauber Rocha, Bahia, né? A gente chegou à noite e tinham comido uma comida que fez mal no almoço e muita gente do ônibus adoeceu, inclusive o motorista teve que ser

internado. E, ai a gente teve que dormir, nessa cidade de Minas. E ai todo mundo parou pra ver o halley que tava, que dava pra ver dessa cidade, todo mundo foi olhar o cometa halley, que tava passando e ai a gente curtiu a noite assim nessa cidade, os que tavam bem. (Bia Marinho)

- E quando foi se aguentar, ai disse assim: as mulheres vão todas dormir numa pensão, num canto lá na pensão. E os homens no ônibus. Tinha caminha do ônibus, do motorista lá atrás, sabe? o motorista ia dormir mais confortável porque ia dirigir no outro dia e o motorista tava doente. Ai eu disse: eu digo, eu vou nada, vou ficar aqui nessa cama. Ai peguei a cama do motorista, lá atrás do ônibus, sabe? E os homens tudim. Ai quando Zeto fica na cadeira, eu digo: vem pra cá é mais confortável. E mesmo assim não teve jeito, vei, eu me espreguicei tanto de noite, pra tocar nele, mas não tinha jeito. (Bia Marinho)

- Ai acordou no outro dia, quando eu me acordo tá Zeto com uma foto de Greg, ai fez um acróstico pra Greg, né? Sem conhecer, só as história eu contando de Greg, ele doido pra conhecer Greg, num sei o que, eu digo sim. Ai eu acordei tinha um acróstico pra Greg, ai pronto ele me deu o acróstico, ai digo é a oportunidade, ai agradeci com um beijo. E dez dia depois disso a gente tava morando junto. Eu acho se a gente completasse duzentos anos vivo, a gente ia, eu acho que ia ser entre altos e baixos a gente ia ficar juntos até morrer um dos dois, assim mesmo como aconteceu. (Bia Marinho)

- Greg pequenininho assim quem ele gostava e conhecia, ai ele gostava, agora se fosse uma pessoa que ele não conhecesse ele dava muito cartaz não, sabe? E quando a gente chegou de manhãzinha, a gente pegou um ônibus aqui (Recife) a primeira vez que Zeto foi em São José, dez dias depois (da viagem) vamos se amancebar, bora. Se não der certo, separa. Ai a gente chegou bem cedinho lá, quando eu cheguei com meia hora Greg acordou no berço e quando eu ouvi a vozinha dele ai eu corri pro quarto e Zeto foi pra conhecer e ele tava sentado no berço, ai eu falei com ele, cherei tudo e num sei o que, mais Zeto chamou e ele já deu os braços a Zeto, assim foi uma coisa a primeira vista mesmo, uma paixão a primeira vista e depois com meia hora, Zeto já tava subindo e descendo a ladeira com Greg na cacunda, já tinha conquistado. (Bia Marinho)

- Às vezes me perguntam de que Zeto morreu. Eu digo Zeto morreu de viver, morreu de viver. Porque tudo ele viveu intensamente, tudo que era perigoso pra ele, então morreu de viver. Ele viveu demais, ele não dividiu, mas ele viveu intensamente. (Bia Marinho)

- A relação de Zeto com os meninos era maravilhosa, Zeto toda vida foi um Pãe um Pãe né, Zeto foi um pai maravilhoso sabe, foi um pai, que quando marinho nasceu Mãe dizia Maria dizia assim: Beatriz eu vejo a hora de tu querer que Zeto der de mama ao menino, e ele dizia assim: o Helena e eu morro de inveja por que não posso dar. (Bia Marinho)

- Zeto era extremoso e extremado. (Antônio Marinho)

- E ele fazia não porque eu pedia é porque ele gostava de fazer. (Bia Marinho)

- Era quem me penteava pra ir para escola. (Greg Marinho)

- Era quem dava banho, vestia dava a comida e Bia dormindo acordava de dez ou onze. (Antônio Marinho)

- E o almoço tava pronto que antes dele acordar agente acordava de seis e meia, sete horas pra ir pra escola, mas antes dele acordar agente ele fazia o almoço, quatro da manhã Zeto tava em pé. (Antônio Marinho)

- E até isso fralda descartável na época era artigo de luxo só podia usar em festa de aniversário era no médico e essas coisas, nera? Até essas coisas tirar fralda dar banho de pentear, Greg quando Marinho nasceu Greg tinha três anos então ele acordava de manhã dava banho em Greg vestia a roupa de Greg trocava a roupa, pegava Marinho, Marinho dava a primeira mamada. (Bia Marinho)

- E Bia dormindo pegava no berço e botava no peito. (Antônio Marinho)

- Eu dava de mamar ai ele trocava Marinho, arrumava Greg, saia pra levar Greg na “farmácia”, na escola ia comprar o lanche de Greg lá na Brunela, nera Greg? ia

comprar o lanche de Greg ai levava Greg na escola e ia dar o banho de sol de Marinho e só voltava na próxima mamada, por que eu toda vida adorei dormir ate tarde e ele adorava acordar cedo então qual o problema? Se ele tava acordado né e ele gostava ai morria de passear ai quando chegava dava banho botava ele mamava dormia outro sono, depois do segundo sono dele era que eu me levantava, mas assim ele fazia isso acho como eu me levantava de madrugada, por que às vezes ele passava o dia todo sem querer comer e de madrugada sentia vontade de comer “oh Biata se tivesse uma carne moída com um purê de batata ai agora eu comia um prato bom, e eu me levantava de madrugada e fazia com o maior prazer”. (Bia Marinho)

- Ele era isso no, no muito amoroso muito carinhoso no dia a dia, tem a história de Miguel, ele ia levar Miguel na aula e toda vez dava um monte de cheiro em Miguel pra poder ir simbora, ai teve uma vez que Miguel, ele não dava só um cheiro ele exagerava ele dava mil cheiro na, em cada canto, ai foi chegando na esquina ai Miguel disse: oh pai aqui tá bom daqui eu vou sozinho, na esquina ai ele disse assim: não rapaz eu le levo ate o fim, ai Miguel não aqui ta bom, oxente o que houve? eu levo você todo dia ate lá? Miguel: é por que tu chega lá ai fica dizendo, biruin, não sei o que, da um cheiro, pega aqui, pega ali, pega pai, pega na bunda, pega nos ovo, ai meus amigos fica mangando de mim. (Antônio Marinho)

- Ai ele deu uma gaitada. (Miguel Marinho)

- Ele deu uma risada e disse: pode ir, ele era isso, assim, Zeto conseguia ser um misto de irreverência e muita delicadeza era um homem muito polido, cavalheiro que partia a carne de Bia no prato e abria a porta do carro, mas não pisasse nos calo dele não que ai, e ate quando reagia era de forma inteligente e poética assim as respostas às coisas e as próprias atitudes, Zeto era um misto disso, Zeto serviu ao exercito né, ele passou, ele foi do exercito então dava valor ao acordar cedo a um sapato limpo, a uma roupa engomada a uma coisa, só que é ele fazia isso não porque, ele aprimorou como valor e internalizou de fato ele gostava. (Antônio Marinho)

- Ele queria que agente servisse ao exercito também, graças a Deus nenhum resolveu fazer isso mais ele não queria que agente fosse do exercito, ele queria assim alguma coisa que desce uma noção de disciplina de regra o mínimo, regra foi feita pra se quebrar, mas agente só quebra o que conhece então é bom entender o que é regra pra puder quebra-la, pra não ser simplesmente um negocio solto no meio do mundo, ele tinha essa preocupação, um pai, um pai, muito presente muito carinhoso muito disso do dia a dia mesmo ate as conversas mas loucas possíveis, eu tenho umas coisa que escrevi sobre ele e eu me lembro uma vez eu num exercício eu devia ta na terceira serie, quarta serie dez anos de idade, ai, num exercício eu disse: O Zeto o que é reticência? Eu estudando pontuação, ele sabia o que era uma coisa ele podia vir e da uma explicação gramatical, ai ele disse: Reticência é faça e pense o que você quiser. E de fato reticencia é faça e pense o que você quiser só que eu tinha dez anos, ele tinha que vir e dizer o que era uma reticencia na pontuação, mas ele não vinha por que ele já tinha dado o bojo pra que agente entendesse o que ele tava dizendo era muito liberto da, da, da, coisa da autoridade, ada autoridade não do autoritarismo, autoridade ele tinha mas o autoritarismo nunca foi adepto a isso, então na intimidade ele era isso e na, e publicamente sempre foi isso também um homem muito polido que nunca sentou na mesa de Louro antes de Louro sentar, por que não ia sentar numa mesa antes do dono da casa sentar né, né, amigo de Louro, irmão de Louro, pai dos netos de Louro, mas de trinta anos de convivência vinte anos de convivência e nunca sentou na mesa de Louro sem Louro sem Louro sentar, então tinha esse tipo de atitude e era plenamente irreverente não fazia isso por que nada mandava ou nada estipulava fazia por que via nisso um principio via nisso uma atitude digna, uma escolha de vida. (Antônio Marinho)

- É um CD muito interessante, que ele saiu procurando onde é que tem um estúdio que eu possa fumar maconha aqui dentro dele fazendo. Ai achou um lá no poço da panela e ai o povo compra duas mil hora de estúdio, dez mil pra fazer, ai ele comprou umas seis gastou quatro. Sentou na cadeira com um violão e fez. É um CD assim, é um momento mesmo de criação, porque é um CD, pra gente é foda falar, mais é um CD extraordinário, uma coisa, é muito forte, ainda vai ser marco, ainda vai ser uma coisa, ainda vai chegar a hora desse CD, ainda não chegou não, ainda vão

saber o que é esse cd daqui uns dias. E Zeto deixou ele é o Curvas, né. (Antônio Marinho)

-É a obra sem dúvida marcante dele, é a obra das obras, eu acho que ele morreu quando disse eu não vou fazer outro CD desse, eu vou cuidar em morrer. É um negócio impressionante aquele CD, meu irmão, é ele e o violão cara. (Antônio Marinho)

-Ai você tem pessoas, né, que foram referência, que foram conhecendo esse cd e que foram. Zeto passou infelizmente, a reverberar depois que já tinha partido, aqui ele sempre foi referência. Mas eu digo procurar quem era Zeto, num sei o que, pessoas virem atrás, muito depois que ele tenha partido, também porque intensificou essa coisa do encanto e da gente, Zeto tá na boca da gente o tempo inteiro. (Antônio Marinho)

- Eu sempre fui metida em política. Mas ai com Arraes a gente já tava junto, foi em 86 e Louro fez uns versos pra Zeto cantar no violão na convenção de Arraes. Ele fez eu acho que uns oito ou dez decassílabos que era pra Zeto cantar na convenção, e Zeto veio e terminou, num sei porque, terminou sem cantar, terminou sem o espaço pra cantar nessa convenção, ninguém conhecia Zeto ai. Era uma ligação muito mais minha com a coisa do pessoal de política de Arraes e ai Zeto tinha decorado os versos, na época ele tava cantando no night lá em Caruaru, no bar de Chico. (Bia Marinho)

- Tava cantando lá e ele começou cantar no bar essa música de Arraes da campanha e também foi assim, pai fez esses versos cada um terminava de um jeito e minha mãe pegou o segundo verso, segundo decassílabo terminava com um mote: volta Arraes ao Palácio das Princesas vai entrar pela porta que saiu, só o segundo. Cada um terminava de um jeito, ela disse assim, Louro esqueça o resto todinho e o mote é esse, você vai fazer tudo com esse mote, foi o que pegou na campanha. Ai Zeto decorou os versos e começou a tocar no bar. Então primo viu Zeto cantando, ai ia ter um comício em Belo Jardim de Cintra Galvão na época e primo tinha alguma ligação com Cintra, num sei porque, e disse vou buscar Zé Antônio pra cantar nesse comício. E primo foi de carro lá em São José buscar Zeto pra cantar nesse comício. Quando Cintra que na época eu acho que era ou

deputado ou prefeito de Belo Jardim, sempre teve um cargo Cintra Galvão enlouqueceu com Zeto ai disse você vai gravar pro guia, eu vou levar você pra você gravar pro guia. Ai Cintra trouxe Zeto pra o comitê de Campanha de Arraes e a quando o pessoal ouviu enlouqueceu. Ai Zeto gravou parece quatro versos ou cinco e ai depois quando ficaram esses quatro que soltaram na televisão que estourou, ai correram atrás de Zeto pra Zeto vim gravar mais, pronto, e desde dessa época, toda uma ligação de Louro com Arraes das Campanhas de Arraes". (Bia Marinho)

- Então Louro conheceu Arraes em 1946, Louro conheceu Arraes e ai começou uma amizade. Quando foi 55 a primeira candidatura de Doutor Arraes a deputado Estadual, Louro já fez os versos da campanha de 1955, que Arraes sempre colocou cultura popular nas campanhas dele. E ai 55 Louro já fez os versos pra Campanha. Em 59 Arraes se candidatou-se a prefeito do Recife e Louro de novo fez a campanha de Arraes e Arraes foi eleito prefeito do Recife. Em 62 Arraes se candidata a governo do estado a primeira vez e Louro faz de novo a campanha no mote: quem foi um grande prefeito, será bom governador. E Arraes é eleito em 62. Em 64 vem o golpe e Arraes não renuncia Arraes não assina a renúncia e sai pela porta da frente. Por isso que em 79 vem à anistia ele volta. Em 82 ele é eleito deputado federal com versos de Louro de novo. Louro fazendo verso pra ele. Em 86 Louro naturalmente fez esses versos, só que ai Louro já era velho, Louro não foi ele que tomou a campanha, ai entra a figura de Zeto, em 86. (Antônio Marinho)

- E ai isso toma conta da campanha porque ai quando viram era Zeto, quem é Zeto? esse poeta, é genro de Louro, os versos são de Louro, ai fudeu, ai Arraes tinha 50 anos de amizade, sabe, 40 anos de amizade de amizade em 86, foi 46. Então Arraes já tinha 40 anos de amizade, viu que era da casa de Louro, ai disarnou, e ai foi a grande questão da campanha, foi a grande onda porque vai entrar pela porta que saiu, vai entrar pela porta da frente, né isso era a grande dignidade de Arraes, tá voltando porque nunca deixou o poder do governo de Pernambuco, isso foi o grande mote. Ai saia a voz de Arraes entrava Zeto com a gota serena, ai isso foi a grande emoção da campanha de 86 e Arraes sai vitorioso de novo. (Antônio Marinho)
- Zeto nunca se deixou pra depois. A não ser que ele quisesse deixar pra depois. Ele só obedeceu o coração e quando a gente obedece só ao coração e a alma, o corpo não acompanha claro, se agente não se submeter a algumas mediocridade que a

vida nos exige pra durar um pouco mais e pra realizar algumas coisas, mas Zeto essa realização dele foi essa forma de vida, essa forma de viver, né? Alternativa mesmo. (Antônio Marinho)

- Tanto que quando ele resolveu morrer, ele fez uma escolha. Ele sabia se fizesse assim, assim, assado ele não morria. E se ele fizesse assado, assado e assim, ele morria e ele resolveu fazer assado, assado, assim e olhava pra gente e dizia: eu tô cansado. Então até na hora da morte ele fez essa dignidade de escolher. (Antônio Marinho)

- E na hora que Zeto morreu a gente lá no hospital em Palmares Zeto andou até cinco minutos antes, morreu totalmente consciente. Ele levantava da cama, ai ficava muito cansado, acho que doía alguma coisa, ai ele não aguentava mais, ai se deitava, ai cansava, mesmo com o balão. Ai se levantava, ai arrudiava, ai chegava perto de dona Mêrces e fazia bença mainha, sabe. E chegava perto de mim e dizia: cheiro Biata. Ai me dava um cheiro. Ai falava com as meninas que tava lá, sentava e daqui a pouco levantava de novo e dizia, bença mainha, ai me dava outro cheiro, o tempo inteiro. (Bia Marinho)

- No começo é difícil, eu tinha 15 anos, Miguel tinha 9, então uma hora o pai vai fazer falta pra uma pergunta, alguma coisa. Como eu disse, Miguel tinha 9 anos, ai Bia foi bem preocupada falar com ele, painha, mais painha tá olhando por a gente lá no céu. Ai ele disse, oh mãe, painha me deu tanto amor na vida que vai dar pra vida toda. (Antônio Marinho)

- Porque nós sempre tivemos muito amor, Bia sempre foi pai e mãe, Zeto sempre foi pai e mãe, minha vó sempre foi pai e mãe, os tios da gente lá em casa sempre foi pai e mãe, então a família é muito junta, é muito grudenta, a gente sempre teve muitas referências, então amor não nos faltaria, mesmo que tivesse só o dele, o que ele deu durante a vida. Tinha Greg mais velho, Miguel tinha a mim e tinha a Greg e todos nós tínhamos a Bia que foi e é uma mãe que não deixa faltar nada, nem de um lado nem de outro, então teve muita saudade, mas ele nunca saiu do meio da gente não. (Antônio Marinho)

- Parece que ele é mais presente depois que foi, porque ante pra você notar presença ele teria que tá fisicamente né? E depois que ele foi ele tá o tempo inteiro sem precisar tá, nas fotos, nas paredes, na música, em todo canto, na cabeça e no palco. (Antônio Marinho)

- Zeto é a influência da gente. Zeto é o legado de Zeto, é a história de Zeto, atitude de Zeto, do que Zeto deixou junto com Louro com esse povo todo, é essa a história que a gente conta no encanto e poesia, então Zeto é simplesmente o norte total, o direcionamento do trabalho da gente e da vida. Se eu for metade do homem que meu pai foi, eu tô muito satisfeito, tinha muito integridade e caráter. (Antônio Marinho)

APÊNDICE VIII

Entrevista com Maria do Socorro Matos

- Ele só deixava eu puncionar as veias dele, até porque só eu conseguia puncionar. Eu dormi lá muitas vezes. Carlos Amorim era prefeito e me tirou do hospital pra eu ficar só cuidando dele [...] Zeto dormia com a cabeça no meu colo, que eu tinha medo que ele asfixiasse com a secreção [...] Passei 15 dias cuidando dele, em seguida ele foi a óbito.